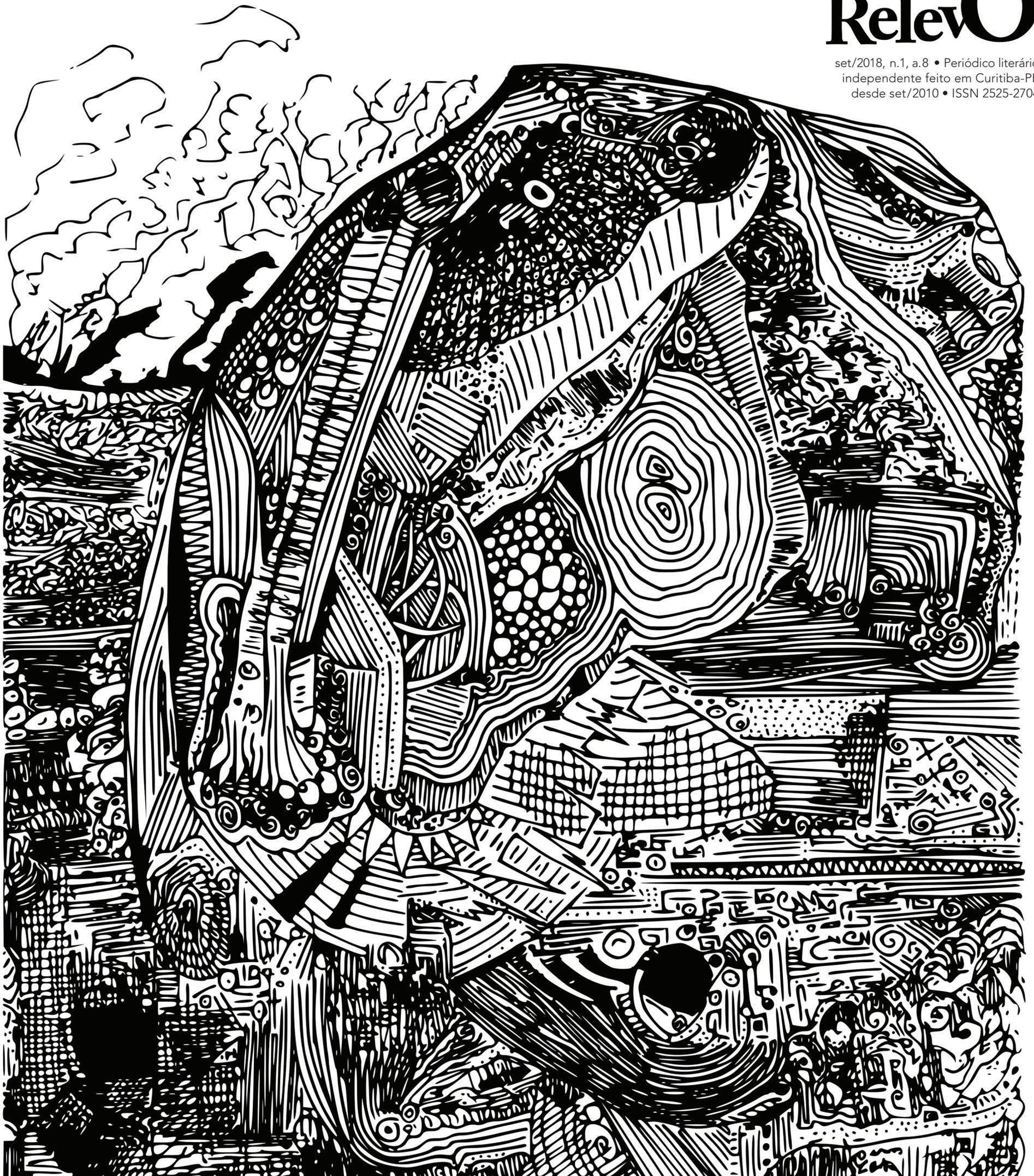


RelevO

set/2018, n.1, a.8 • Periódico literário
independente feito em Curitiba-PR
desde set/2010 • ISSN 2525-2704



Assine/Anuncie: O **RelevO** não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.

Publique: O **RelevO** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de

romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O **RelevO** recebe ilustrações. O **RelevO** recebe fotografias. O **RelevO** aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique ou pelo contato@jornalrelevo.com.

Newsletter: Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos:

nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.

Imagens desta edição: A capa e a ilustração da p. 10 desta edição são de autoria de Taise Dourado. Você pode conferir mais do trabalho dela em taiseilustra.com.br

Setembro/2018

Editor: Daniel Zanella
Editor-assistente: Mateus Ribeirete
Ombudsman: Gisele Barão
Revisão: Mateus Senna
Projeto gráfico: Marceli Mengarda
Infografia: Bolívar Escobar
Logística: Thaís Alessandra Tavares
Advogado: Bruno Meirinho
OAB/PR 48.641
Impressão: Gráfica Exceuni
Tiragem: 6.000

Edição finalizada em 30/08/2018

Disso de dinheiro

Entradas –

Assinantes: R\$ 200 Ana Shayeb; R\$ 150 Jô Palha; R\$ 100 Zaclis Veiga; Leal Kostav; Aguinaldo Severino; R\$ 65 Nícolas Teixeira Cabral; R\$ 60 Maria Barbieri; Marcio Bariviera; R\$ 50 Klaus Pettinger; Gabriella Fonseca; Monique Serrano; Cleópatra Maria Fonseca de Melo; Carlos Emilio Faraco; Eduardo Mahon; Assis Furtado; Tê Caroli; Kiko Cesar; Fatima Alveira; Ale Dossena; Filipe Brito & Adhara Garcia; Rafael Rodrigues; Daniel Gil; Cristiane de Assis; Sue Lee Mendes; Marlene de Fátima Gonçalves; Ivan Justen Santana; Rubervam Nascimento; Casa Eliseu Voronkoff; Rosana Chrispim; Anderson Bonatto; José Maschio; Tatiana Silva Santos; Telma Franco Diniz; Marina Pais Silva Melo; João Henrique Balbinot; Karlan Muniz; Beatriz Cajé Bernardo; Fabiana Bassetti; Sara Regina Albuquerque França; Delma Andrade; Marco Aurélio de Souza; Lourença Lou; Decio Zylbersztajn; Leonardo Costaneto; Paula Schamme; Adilson Roberto Gonçalves; Gustavo Vasquez Ramos; Wladimir Cazé; Aldair Oliveira; Ghislaine Pelat; Edra Moraes; Claudia Beeck; Rogerio Bernardes; Alvaro Divardin; Alvaro Fonseca Duarte; Gabriela Giannini; Diogo Dias; Juliana Meira; Fernando Severo; Vanessa Mendes Argenta; Annelize Tozzetto; Pedro Henrique Caetano; Julio Cesar Lima; Vinícius Boppê; Evanilton Gonçalves Gois da Cruz; Lia D'Assis; Larissa Ribeiro; Isabelle de Souza; Jordano Souza; José Vecchi; Guilherme Carvalho; Vanessa Arruda Machado; Debora Laurito; Murillo Medeiros; Manie; Gael Jaguar; Roberto Menezes; Renata Rocha; Braitner Moreira; Fernando Franco; Fernanda Dante; Priscila Frehse; Afonso Castro Gonçalves; Luiz Antonio Guimarães Cancelli; Líria Porto; Paulo Rodrigues dos Santos Filho; Yaskara Ferreira Pinto; Jim Duran; Johann Heyss; Valdinar Monteiro de Souza; Cássia Lima; Ana Carolina Santos; Marco Severo; Marcela Guthier; Mariana Salomão Carrara; Gustavo Jugend; Cristhiano Aguiar; Beatriz Lourenço; Henrique Pitt; Lucio

Carvalho; Daniela Athuil Galvão Sousa; André Villani; R\$ 25 Laisa Viegas; Davi Cartes; R\$ 20 Elizabeth Berberi (Total: R\$ 5.605)
Anunciantes: R\$ 100 Cristina Bresser; R\$ 50 FISK; Joaquim Livraria; Estação Brasil; R\$ 30 Lume Livraria (Total: R\$ 280)

Saídas –

Gráfica: R\$ 1.640 / Distribuição Curitiba, RMC & PG: R\$ 1.100 / Assinantes & Pontos de Distribuição: R\$ 1.700 / Distribuição motoboy: R\$ 500 / Material de escritório: R\$ 262 / Taxas PayPal & BB: R\$ 100 / Redes ditas sociais: R\$ 30 / Domínio mensal e metafísico: R\$ 18 / Edição-assistente: R\$ 100 / Revisão: R\$ 70 / Diagramação e eventinhos: R\$ 200 Capista: R\$ 50 / Infografia: R\$ 70

Custos totais: R\$ 5.840
Receita total: R\$ 5.885
Balanço de agosto de 2018: R\$ 45

Carinho da torcida

QUASE...

Cristina Valente Eu sou engenheira cartógrafa né, daí eu fui seca ver o que é o **RelevO**, achei que fosse uma revista científica sobre topografia.

QUASE!

Karla Lima A abordagem de venda de assinaturas de vocês é a melhor combinação que já vi de interesse comercial com tom íntimo: próxima, mas nada invasiva, vendedora, mas não empurradora. Não funcionou comigo, mas é ótima mesmo.

NO CORAÇÃO

Ana Justi Acho interessante, em relação ao **RelevO**, a possibilidade de observar o seguinte: felizmente, posso disponibilizar cinquenta mangos por ano pra ter a minha linda assinatura, entregue em casa. E, além do benefício direto dessa entrega, sei que meus humildes “cinquentão” — de alguma forma — ajudam alguém muito distante da minha realidade a ter acesso gratuito a esse conteúdo bacanudo. E,

sabe, que ótimo! Me entristece que as pessoas às vezes só sejam capazes de ver os benefícios diretos das coisas. Se uma guria ou um piá forem todos os meses lá na biblioteca pública da sua cidade buscar um exemplar do **RelevO** pra ler de cabo a rabo, e eu puder proporcionar isso, já tô felizona. Até porque, isso é uma lógica de funcionamento maravilhosa e raríssima nos dias de hoje.

Da redação: Ana, assim o nosso coração de papel não aguenta.

Marcelo Piacecki Tenho que aproveitar que me veio o ímpeto. Vamos lá. Andei lendo esses tempos aquele texto a respeito do **RelevO**, do financiamento do jornal e tal. Achei aquele desabafo quase heroico. Fiquei na cabeça de prestar algum elogio. Acabei não fazendo. Sabe como é. Nem tudo que a gente pensa em fazer fazemos de fato. Eu também não sou de ficar puxando saco dos outros. Definitivamente não gosto que puxem meu saco. Mas é necessário prestar um elogio. O que vocês fazem pela Literatura — seja lá que diabos exatamente é isso — é formidável e fabuloso. Talvez esses dois adjetivos os mais bonitos começados com a letra f de toda a língua portuguesa. Botar pra girar um jornal literário — de alto nível — como é o **RelevO**. Alcançar todas as capitais do país. Um feito e tanto, notável, aplausível. Mesmo olhando de fora, mesmo sem conhecê-los pessoalmente, tendo eu apenas publicado uma cronicazinha, há tempos, no jornal, sinto inevitavelmente um orgulho imenso pelo caminho trilhado. Imagino que seja desgastante tocar um jornal dessa magnitude, embora certamente gratificante. Força, camaradas! É um ótimo jornal, sério mesmo. Saiba que eu e mais muitas pessoas ficam orgulhosas pelo trabalho de vocês. Vida longa! Abraço.

Dayana Correia Quando peguei o jornal pela primeira vez, me senti como aqueles tios que logo cedo sentam na cadeira de balanço para ler as notícias do dia. Achei engraçado essa comparação, um jornal com uma pegada tão genial usando do saudosismo das velhas páginas do jornal, uma mistura ousada que, pelos comentários da coluna “disso de quem lê”, vem fazendo sucesso no Brasil todo. O Jovem de Expressão, em Ceilândia, se

tornou recentemente um ponto de distribuição, e foi lá que peguei a edição de agosto. Muito obrigada, galera do **RelevO**, por intercambiar com a gente esse novo-velho modelo de encantar e divertir com as palavras e com as imagens. Vida longa ao jornal, um super salve da equipe do Jovem de Expressão e gratidão.

Jim Duran A edição de agosto do **RelevO** está ótima. Li de uma pancada só. É, na medida certa, o que penso sobre como poderia ser uma publicação voltada ao mundo do livro e de tudo o que ele engloba.

Ana Clara Faria Pelo que eu já conheço do **RelevO**, gosto muito da proposta do periódico. O conteúdo é diferenciado, de boa qualidade. Acredito que, atualmente, eu optaria por uma assinatura digital. É uma preferência pessoal por conta da facilidade de acesso ao conteúdo de qualquer lugar e a qualquer hora. De qualquer forma, no papel ou não, um periódico literário é sempre um conteúdo interessante. Espero ter contribuído! Obrigada! Um abraço!

Zilda Oliveira A ideia do jornal é ótima! Ajuda na divulgação de novos autores e creio que tem outros tópicos de grande interesse público.

ALELUIA!

Ed Palamone Boa noite, pessoal. Esqueci de avisar: eu não sei o que vocês fizeram nos Correios (barraco, mandinga, chantagem etc.), mas seja lá o que for, funcionou. Chegou aqui a edição de agosto. Iniciarei a leitura agora. Sei que não devemos criar expectativas de que, doravante, eles vão entregar os exemplares regularmente... Para não sofrer (já sofri muito de amor, muita decepção, coração não aguenta mais), melhor pensar assim.

Gustavo Martins Pô, onde vocês encontraram a reencarnação do Bukowski? Tô falando do João Alexandre e do texto “Algum boteco do Largo”. Ao ler, me senti com *Fabulário geral do delírio cotidiano* na mão.

Luiz Guilherme Libório Boa tarde! A ideia de publicar os resultados de abordagens do

jornal foi muito boa. Li gargalhando junto com minha namorada.Vocês são ótimos!

Luiz Carlos Heleno Olá. Ainda hoje assinarei o **RelevO**. Sou péssimo com passos via site, mas, qualquer coisa, peço ajuda das crianças da família ou me comunico com vocês.Vou sempre à Biblioteca Pública do Paraná (BPP) e por lá leio trechos ou carrego comigo o **RelevO**, o Rascunho e o Cândido.A luta de vocês carece de (e merece) todo apoio.

Ana Carolina Santos Vou assinar por agora. Sempre bom apoiar projetos como o de vocês. Boa sorte na empreitada!

Karlan Muniz Acabei de fazer a assinatura. Apoio o projeto e aprendo literatura com vocês.

FLIPANDO

Shana Emanuelle Eu sou assinante do **RelevO** e estava na FLIP. Vi o jornal sendo distribuído em vários espaços. Ouvi várias pessoas dizendo:“Poxa, que iniciativa legal. Que jornal lindo, bacana”. Me dava um orgulhinho de ser assinante, dava vontade de sair falando: “Ah, eu sou assinante!”.

Ana Maria Desde que recebo este jornal maravilhoso aqui no norte de Minas, pude perceber o quanto a literatura pode ser (e é) capaz de mudar, de transcender. Ler livros para mim é rotina, agora esse jornal chegou para me fazer mudar e mudar a minha forma de ter contato com o texto escrito. Sentir o papel na mão, sentir o cheiro do jornal, isso não tem preço. É atemporal.Vocês, os analógicos, estão modernizando ao trazer literatura para todos os lugares e todas as camadas.Vocês estão quebrando o cânone, estão quebrando as teorias conservadoras que dizem que literatura de qualidade tem que ser para poucas pessoas. Obrigada por isso. Obrigada por tudo. Continuem firmes porque continuamos tolos e com mais fome. Sempre!

Theo Alves Vale a pena assinar o **RelevO**. Um jornal literário precisa de assinantes, mas vocês vão descobrir que precisam mais do jornal do que o jornal precisa de vocês.

MISTÉRIOS

Pedro Andrade Só pra avisar que eu sei o que um de vocês fez na FLIP...

Da redação: Conte-conte! Cenas lamentáveis? Agressão? Desrespeito ao estatuto do idoso? Falta de dignidade?

Simone Teodoro Uma alegria danada ser publicada no resistente **RelevO**, de Curitiba. Tem a versão digital nas redes sociais, mas a resistência do periódico consiste em ele ser impresso e distribuído gratuitamente, com a ajuda de assinantes e anunciantes. Fui assinante por um tempo e pretendo voltar em breve. Além de boa literatura, a gente tem sempre o prazer de ler os editoriais, que costumam ser de um humor finíssimo.

Dinovaldo Gilioli Tá lá de novo no CIC (Centro Integrado de Cultura), pra quem quiser pegar e ler. Em Floripa, **RelevO** em tom maior.

Luz María Romero Muito, muito bom receber em casa esse trabalho! Pessoal, assinem, não vão se arrepender, só tem a ganhar.

Ceres Postali Marcon Adoro o jornal. Espero que o sucesso seja constante. Parabéns!

Klaus Pettinger Sempre há quem possa dizer que vocês fazem tudo errado, mas vocês sabem que não poderiam estar mais certos! É de encher os olhos e acalentar o coração de tanto orgulho do **RelevO**! Força ae! E vem meu primeiro exemplar pra Guarapuava, vem!

Rodrigo Gonçalves O encarte central de agosto está hilário. Força aí, manos!

Marcelo Pereira Rodrigues Parabéns pela trajetória do jornal. Grande abraço.Também sou editor de uma revista, a *Conhece-te*, e ri demais da parte onde vocês publicaram a negativa dos possíveis leitores para assinarem a publicação. Muito irônico e atinente em um país onde mais de 85% da população não consome bens culturais.

Wélcio de Toledo Só sei que o jornal é muito bom. Assinei e não me arrependi. E a edição de agosto, que chegou na semana passada, tá fodástica.

OLOKO

Teresa Silva Cheguei em casa e o jornal de agosto já estava na minha caixa de correio.Veio rápido esse mês.

Alan Vieira Gente, pra falar a verdade...Vocês fazem um puta trabalho no jornal. Eu vou confessar, vim assinar o jornal mais pelo livro-brinde de uma das promoções... Mas, lendo vocês, fiquei muito feliz em ver o trabalho mais de perto. Brigadão mesmo! Longa vida ao **RelevO** e a todas as pessoas que fazem esse trabalho ser possível. Parabéns mesmo.

Fátima Alveira Finalmente chegou o meu jornal de literatura, o **RelevO**! Muito feliz! Ainda apreciando. Tá lindo! Parabéns a toda equipe pelo trabalho de artesãos!

Gregório Camilo É uma coisa maravilhosa, isso, de vocês pensarem em remunerar os autores etc., torço e acredito que vão conseguir, mas não acho motivo de vergonha, muito ao contrário. Vocês aí já fazem um esforço sobrenatural para que o jornal chegue pra todos esses cantos; mês atrás de mês, vocês só crescem (não à toa); imagino que tenha uma fila de gente querendo ser publicado por vocês (remunerado ou não); e vejo esse crescimento do **RelevO**, sem excluir o esforço de vocês, é claro, mais como uma parceria entre o jornal e os autores (ninguém ainda tá ganhando financeiramente com isso, então acho até justo). O **RelevO** é pros desavergonhados. Vida longa ao jornal!

Editorial

A polêmica do mês BOOKTUBER X ESCRITOR trouxe ao lúdico meio literário a exposição de uma série de nuances sobre o mercado editorial contemporâneo. O que aconteceu, em suma: o escritor pediu informações para divulgar–resenhar seu livro no canal da maior booktuber brasileira, veio um orçamento, ele achou absurdo (e caro), jogou na internet o que considerou “jabá”, então, a discussão ferveu.

A primeira impressão nossa: choque geracional imbuído de suposta ingenuidade

por parte do escritor. Ainda antes das questões que envolvem o ofício: dentro da vida, cada um pode valorar o próprio trabalho de acordo com o que acha adequado (leis básicas de mercado). As criações do inglês Chris Ofili, feitas com esterco de elefante, já foram vendidas por mais de R\$ 5 milhões. É absurdo? Ele pode vender? É arte ou não é? Alguém foi coagido a pagar essa quantia?

Podemos discutir o que é arte, o que é a verdadeira crítica literária e o que é entregue por aquilo que se cobra, aliás, sob a luz de qualquer produto, mas é imprescindível que cada um possa refletir sobre o próprio trabalho e cobrar o que acha justo, se for o caso de cobrar. Lembremos, aqui, que booktubers são empreendedores lidando diretamente com seu público e com os possíveis clientes. O estatuto é próprio. E compra quem quer.

Estamos, nos casos de conteúdo pago, a tratar de orientação de consumo. Ou alguém acha que um booktuber está realmente disposto a praticar crítica hostil após receber 5 mil reais adiantado do escritor/cliente a ser resenhado? Onde foi dito que booktuber é o novo crítico literário do suplemento de domingo? Novas perguntas, novos dilemas.

Existe, por outra via, no meio literário, uma cultura geral da gratuidade — e não nos colocamos fora disso: distribuímos o **RelevO** gratuitamente para projetos sociais e muito espaços culturais do Brasil, o que pode “estragar” o nosso insignificante nicho de jornal de papel e de literatura. O que queremos dizer opera em outra instância: muitos não consideram legítimo ser remunerado no meio literário, em qualquer atividade.

Exemplo: a feira local gasta com todos os elementos naturais para se fazer uma feira literária (montar uma cobertura, prever um serviço de café, alugar um sistema básico de som), mas entende-se que não há dinheiro suficiente para remunerar o escritor que palestrará no evento. Entende-se que é natural que não recebam — e os organizadores torcem o nariz para aqueles que apontam essa estranha relação e não chamam mais os questionadores porque, afinal, tudo é para “divulgar”, “pela literatura”, “ninguém entende o quanto trabalhamos”.

Nas poucas feiras para as quais somos chamados e com funcionários públicos envolvidos, costumamos brincar que vale a pena dividirmos o zero, descontando o dia de trabalho do funcionário público também, já que é tudo por “amor”. De fato, muita gente encontra num ideal romântico a premissa básica para continuar deixando os escritores e demais atores do meio literário em uma condição de amadorismo prévio, sem remuneração. A este fenômeno podemos dar o nome de projeto político de invisibilidade — também por isso pretendemos, enfim, começar a remunerar minimamente nossos colaboradores mensais a partir de 2019.

Voltando à vaca fria, vivemos em um período de reformulação das bases do mercado literário, com majors fechando suas livrarias ou dando calote geral; perda de visibilidade da crítica literária convencional e, conseqüentemente, de espaços em canais tradicionais; os poucos suplementos literários se debatendo para manter as portas abertas ou apenas sem capital simbólico para participar da grande festa das redes sociais e se monetizar com isso; novos dispositivos de divulgação; aumento da produção de livros e

mudança das catracas básicas de informação.

O booktuber, nova peça do tabuleiro, nada mais é do que a materialidade de um novo modelo de distribuição e de performance literária, descentralizando poder (acreditem, isso é saudável e amplia a rede de leitores). Temos, sim, muitas aberturas para criticar o trabalho de alguns booktubers sob a ótica das estranhas configurações entre mercado e agentes de divulgação — e isto também vale para muitos clubes literários do Brasil, cujos livros lidos são apenas de grandes selos, em parceria com um mediador geralmente influente em sua comunidade cultural.

É difícil, para muitos, aceitar: não temos mais o tradicional veículo de comunicação atravessador. Todavia, é preciso cuidar com o essencialismo, com o simplismo: nem todo booktuber é influenciador e nem todo influenciador é necessariamente um publieditorial ambulante. O mercado que está se abrindo é demasiado extenso (e interessante) para planificações.

Esquecemos, de modo conveniente, que muitos caminhos tradicionais nunca foram exatamente puros. (Troque aprovação de orçamento por compadrio, por clubes de autocanonização, por estrelinhas em guias de filmes ou simplesmente mantenha o R\$ aqui sem avisar o consumidor.) Ou não existe gente medíocre em grandes veículos? Nenhum crítico literário na história do mundo serviu apenas de portfólio editorial para grandes selos editoriais? Cada prática profissional é imbuída de seus jogos de interesse. Onde foi que um booktuber assinou atestado de isenção? Por que exigimos de uma nova classe a integridade não confirmada de outros modelos de negócio?

Bem, acabamos de chegar aos mil assinantes e temos muitas perguntas. Somos mal remunerados e, não raro, emprestamos dinheiro para quitar dívidas. Por não aceitarmos dinheiro público em nenhuma condição, vamos até certos tipos de jogadores do nosso meio para monetizar o jornal — leitores-comentadores, professores, entusiastas, punguistas, escritores. Sobre a última espécie: diariamente, algum escritor diz não ter tempo para ler o RelevO, é grosseiro conosco quando buscamos vender assinaturas ou simplesmente nos ignora (a maioria). Em suma, é um negócio humilhante. E é do jogo. Agora perguntamos: alguém nos obriga a trabalhar com isso?

Sabemos: os índices de leitura do brasileiro seguem lamentáveis e sem perspectivas de mudança de panorama. Enquanto isso, estamos todos na mesma barca, em busca de leitores, formando públicos para os próprios bens culturais. E nisso, parece-nos, booktubers são eficientes.

Em tempo: a presente edição marca o começo de nosso oitavo ano de publicação ininterrupta. Seguimos em nosso fracasso contínuo, discutindo amenidades e ofendendo nossos pares (e a nós mesmos) sempre que possível. Somos cômscios dos desafios de manter independência editorial diante de dificuldades financeiras permanentes. Ainda bem que nossos desafetos, principalmente aqueles que já tentaram especular algum benefício editorial com o **RelevO** ou já foram agredidos, estão sempre a confirmar que nunca fomos dobrados em nossos princípios.

Não acreditamos em jornal impresso de papel e de literatura sem tensão.

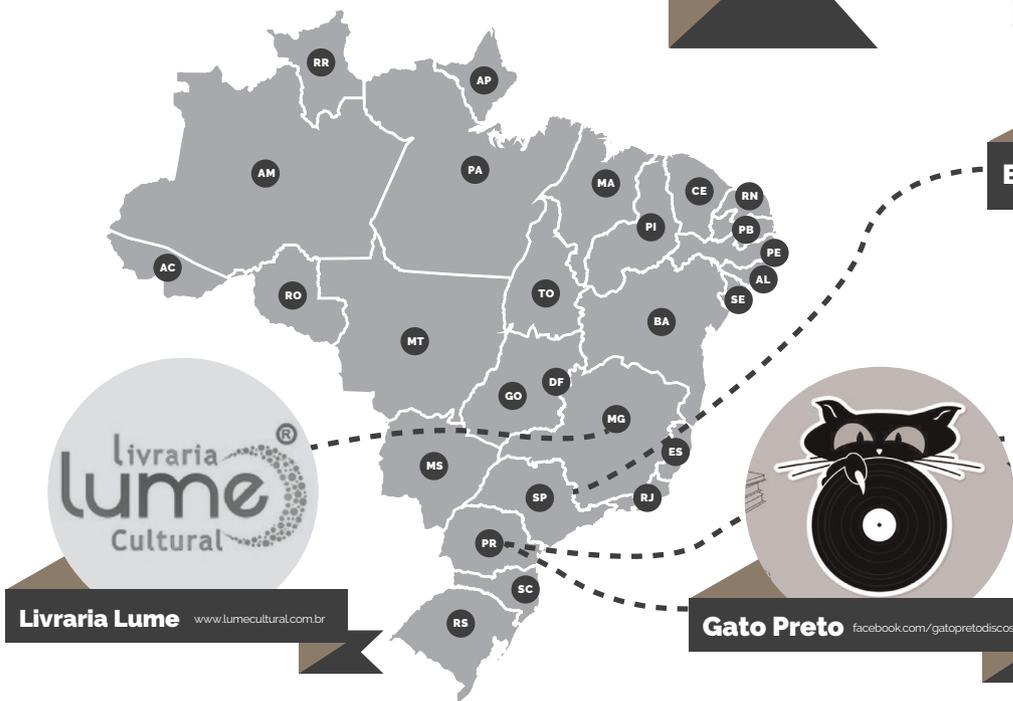
Uma boa leitura a todos!

Nosso jornal nas bibliotecas comunitárias do Brasil

Pará	Espaço Cultural Nossa Biblioteca Biblioteca Comunitária Carolina Maria De Jesus Biblioteca Comunitária Rios De Letras Espaço Comunitário Literário Livro Encantado BomBomLer
Belém	
Ananindeua	Biblioteca Comunitária Moara
Maranhão	Biblioteca Comunitária Paulo Freire Biblioteca Comunitária Prazer em Ler Biblioteca Comunitária Arco Iris do Saber Biblioteca Comunitária Semente Literária Biblioteca Comunitária Mundo do Saber Biblioteca Comunitária Portal da Sabedoria Biblioteca Comunitária Josué Montello Biblioteca Comunitária Wilson Marques Biblioteca Comunitária Caminho do Conhecimento Biblioteca Comunitária Arthur Azevedo Biblioteca Comunitária da Residência 05 Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato Biblioteca Comunitária O Fantástico Mundo Da Leitura Biblioteca Comunitária Viajando pela Alegria do Saber Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato Biblioteca Comunitária Cora Coralina
São Luís	
Ceará	Biblioteca Comunitária Sorriso da Criança Biblioteca Comunitária Criança Feliz Biblioteca Comunitária Jardim Literário Biblioteca Comunitária CL Professor Leonidas Magalhães Biblioteca Comunitária Famílias Reunidas Biblioteca Comunitária Mundo Jovem Biblioteca Comunitária Papoco de Ideias Biblioteca Comunitária Casa Cambao de Sabiaguaba Biblioteca Comunitária Plebeu - Gabinete de Leitura
Ceará	
Fortaleza	
S. G do Amarante	Biblioteca Comunitária Literateca
Pernambuco	Biblioteca Popular do Coque Biblioteca Comunitária Amigos da Leitura Biblioteca Comunitária Educ Guri Biblioteca do Cepoma
Recife	
Jaboatão dos Guararapes	Biblioteca Comunitária do Peró
Olinda	
Bahia	Biblioteca Comunitária Clementina de Jesus Biblioteca Comunitária do Calabar Biblioteca Comunitária Condor Literário Biblioteca Comunitária de Italo Biblioteca Comunitária Novo Amanhecer Biblioteca Comunitária Padre Alfonso Pacciani Biblioteca Comunitária Padre Luis Campinotti Biblioteca Parque São Bartolomeu Biblioteca Comunitária Paulo Freire Biblioteca Comunitária Sandra Martini Biblioteca Comunitária São José de Calazans Biblioteca Comunitária Sete de Abril Biblioteca Comunitária Tia Jana Biblioteca e Infocentro Maria Rita Almeida de Andrade
Salvador	
Minas Gerais Belo Horizonte	Biblioteca Comunitária Livro Aberto
Betim	Biblioteca Comunitária Professor Arlindo Correa da Silva Biblioteca Comunitária Cantinho dos Sonhos Biblioteca Comunitária Salão do Encontro
Sta. Luzia	Biblioteca Comunitária Corrente do Bem
Sabará	Borrachalioteca
Rio de Janeiro	Biblioteca Comunitária Wagner Vinício Biblioteca Comunitária do Cerro Corá Biblioteca Comunitária Palavras Compartilhadas Biblioteca Comunitária Atelier das Palavras Biblioteca Comunitária Carolina Maria de Jesus Biblioteca Comunitária Jurema Gomes Baptista Biblioteca Comunitária Elias José Biblioteca Comunitária Walter de Araújo
Rio de Janeiro	
Rio de Janeiro	
Duque de Caxias	Biblioteca Comunitária Josimar Coelho da Silva Biblioteca Comunitária MANN'S Espaço Literário Balaio de Leitura Varanda Literária Maria de Lourdes Miranda Biblioteca Comunitária Vila Aracy
Nova Iguaçu	Biblioteca Comunitária Paulo Freire Biblioteca Comunitária Thalita Rebouças Biblioteca Comunitária Olhar Cultural Biblioteca Comunitária Prof. Judith Lacaz Biblioteca Comunitária Mágica Biblioteca Comunitária Ziraldo Biblioteca Comunitária Zuenir Ventura Biblioteca Comunitária Três Marias Biblioteca Comunitária J. Rodrigues
Paraty	Bib. Com. Centro de Educação Integral Cairuçu Laranjeiras Bib. Com. Centro de Educação Integral Cairuçu Patrimônio Bib. Com. Centro de Educação Integral Cairuçu Ponta Negra Biblioteca Comunitária Casa Azul Biblioteca Comunitária Colibri Biblioteca Comunitária Itema Biblioteca Comunitária Regina Célia Gama de Miranda
São Paulo	Biblioteca Comunitária Caminhos da Leitura Biblioteca Comunitária Cultura no Quintal Biblioteca Comunitária Solano Trindade Biblioteca Comunitária Ademir dos Santos Biblioteca Comunitária Djeane Firmino Bib. Com. EJAAC - Espaço Jovem Alexandre Araujo Chaves Biblioteca Comunitária de Heliópolis
São Paulo	
São Paulo	
Guarulhos	Biblioteca Comunitária Picadeiro da Leitura
Mauá	Biblioteca Comunitária Mundo dos Livros Biblioteca Comunitária do CCDL
Rio Grande do Sul	Biblioteca Comunitária Girassol Biblioteca Comunitária Aninha Peixoto Biblioteca Comunitária do Arquipélago Biblioteca Comunitária do Arvoredo Biblioteca Comunitária Cepimoteca Biblioteca Comunitária Chocolateão Biblioteca Comunitária Cilandrang Biblioteca Comunitária Visão Periférica Espaço Multicultural Livros sobre Trilhos Biblioteca Comunitária do Cristal
Porto Alegre	
Dist. Federal Brasília	Biblioteca Escolar e Comunitária da EOS 108/308

QUER DISTRIBUIR O RELEVO?
ESCREVA PARA CONTATO@JORNALRELEVO.COM

Locais Relevantes



Livraria Lume www.lumecultural.com.br

Gato Preto facebook.com/gatopretodiscos/

Kikos Bar bit.ly/kikosbar



Banca Tatui www.bancatatui.com.br
Desenho por Ângela Leon

Pontos de distribuição do jornal Relevo pelo Brasilão doído

Relief journal distribution spots around the Brazilian crazy lands

PARANÁ • Curitiba Agendarte Livros / Ao Distinto Cavalheiro / Ave Lola Espaço de Criação / Baba Salim / Bar Avenida / Bar Baroneza / Bar do Dante / Bar Omitorrinco / Bar Pedro Lauro / Bar Stuart / Bec Bar Lanconete / Bica Basilio Café / Bodeguilla / Botanicum / Bristol Hotel / Brooklyn Café / Café Avenida / Café Tiramisu / Café do Mercado / Café do MON / Café do Teatro / Café Lisboa / Café Mafalda / Café Milre / Café do Viajante / A Caieira - Cozinha Litorânea / Capela Santa Maria / Caramelodrama / Casa das Bolachas / Casa Verde Beer Bar / Centro Europeu / Chelsea Café / Choripan / Creative Mornings / Dizzy Café Concerto / Doce Moreira Bistrô / Café / Empório Kaveh Kanes / ESA / Expresso Café / Faculdades Santa Cruz - Balção / Fazenda Rancho Flora Café / Fingen Café / Fundação Cultural de Curitiba / Gerência Farióis do Saber / Galeria Ponto de Fuga / Hotel Slaviero Full Jazz / Iliban Comic Shop / Joaquim Livraria / Kapela Bar / Kikos Bar / Le Mundi Café Terapêutico e Livroteca / Livraria Arte & Letra / Livraria do Chaim / Magnólia Café / Mercaria Fantinato / Museu Oscar Niemeyer / Museu Guido Viaro / Nobresy Pan / O Torço Bar / Paniello / Panificadora Quintessência / Provence Boulangerie / PUC - Letras / Rádio Cultura / Rause Café e Vinho / Restaurante Mamba / Sebo Arcádia / Sebo Santos / Selvática Ações Artísticas / SINDUJO / SISMUC / Solar do Barão / Supermova Coffee / Teatro Lala Schneider / Teatro SESI Portão / TUBOTECA / UNIBRASIL - Jornalismo / Universidade Tuiuti - Jornalismo / UP Mossungüê - Jornalismo / UP Santos Andrade - Recepção / UTFPR - Sala dos Professores / UFPR - Letras • **Araucária** Arquivo Histórico Municipal / ASPMA / Banda Municipal / Bar do Tiko / Câmara Municipal / Casa do Artesanato / Casa da Cultura / CEU / Colégio SESI / Duetto Café / Escola Municipal Terzinha Mariano Theobald / FANEESP / FISK / Loteria Zanella / Memorial de Araucária / Museu Tingüi-Cuera / Núcleo Cultural do CAIC / Panificadora El Grano / Papelaria EBG / Panificadora Sol / Prefeitura Municipal / Rádio Iguaçu / Secretaria de Cultura / SISMAR / Teatro da Praça • **Campo Largo** Inspirarte Centro Cultural / Museu Municipal • **Castro** Espaço Cultural Casa da Praça / Casa da Cultura Emilia Erichsen • **Contenda** Escola Municipal Vanilda Dzierva / Panificadora Gaspar / Panificadora Schinda / Prefeitura Municipal • **Cruselo do Sul** Espaço Cultural Prefeito Tomoyuki Hareda • **Fazenda Rio Grande** Vó Nita Pães e Doces / Café Coração • **Guarapuava** Gato Preto Discos & Livros / UNICENTRO • **Lapa** Centro Receptivo Turístico / Livraria & Papelaria Nanise / Mundo da Leitura / Panificadora Zeni • **Londrina** UEL / Coletivo Versa / Livraria da Silvia / Nosso Sebo • **Lunionópolis** Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Lupionópolis • **Palmeira** Supermercado Eurich / Secretaria de Educação / Secretaria de Esporte e Cultura • **Pinhais** Livraria Café Com Letras • **Piraquara** Livrarias Nobre Cultura • **Ponta Grossa** Livraria e Papelaria Universo da Leitura / UEFG - Jornalismo e Letras / Verbo Livraria 1 e 2 • **Santa Isabel do Ivaí** Secretaria de Educação e Cultura de Santa Isabel do Ivaí • **São José dos Pinhais** SESI / Secretaria de Cultura / Livraria Café Com Letras / Museu Atílio Rocco / Freguesia do Livro - Shopping São José • **Umuarama** Restaurante e Lanchonete Tio Patinhas • **SANTA CATARINA** • **Florianópolis** UFSC / Livraria Livros & Livros / CIC / Sebo Ilha das Letras Florianópolis • **Blumenau** FURB - Departamento de Letras; Divisão de Cultura / Greenplace / Livraria Blulivro • **Brusque** Livraria Saber • **Caçador** Livraria Selva • **Itaipópolis** Centro de Recepção de Visitantes • **Itajaí** Univalde • **Jaraguá do Sul** Bar do Nens / **Joinville** Barba Riiva Livros & Discos / Univille • **Maíra** Restaurante Amora Sustentável / SESC • **São Bento do Sul** Dom Quixote Livros • **São José** Sebo Ilha das Letras São José • **Tubarão** Libretto Livraria • **RIO GRANDE DO SUL** • **Porto Alegre** Livraria Bambolotas / Café Cartum / Café República / Livraria Baleia / Livraria Raizes / Livraria Taverna / Traça Livraria • **Bento Gonçalves** Dom Quixote Livraria & Cafeteria • **Caxias do Sul** Dulce Amore Café & Algo Mais • **Frederico Westphalen** Vitrola • **Santa Cruz do Sul** Casa das Artes Regina Simonis • **Santa Maria** Athena Livraria • **São Francisco de Paula** Miragem Livraria • **SÃO PAULO** • **São Paulo** ABER - Associação Brasileira de Encadernação e Restauro / Banca Curva / Banca Tatu / Bbooks Livraria SP / Café Raiz / Casa das Rosas / Casa do Povo / Casa Guilherme de Almeida / Cemitério de Automóveis / Comix Book Shop / Desculpe A Poeira / Escola Macunaima de Teatro / Escrevedeira / Estúdio Lâmina / Faculdade Sumaré-Letras / Galeria Hipotética / IMS / Intermeios Casa de Arte e Livros / Livraria Reserva Cultural / Livraria Zaccara / Matilha Cultural / PUC Sumaré-Letras / SESC Pompeia / Taperia Taperá / Teatro do Centro da Terra / Teatro São Pedro / UGRA PRESS • **Araçatuba** Sebo Dom Quixote • **Araquara** Casa da Cultura / Palacete das Rosas • **Botucatu** Sebo Afrarábio • **Campinas** Torta • **Campos do Jordão** Livraria Jaguaribe • **Flora** Confraria Cult • **Guarulhos** Livraria Grurulvros • **Jundiaí** Rosa Café • **Piracicaba** Sebo do Formiga • **Ribeirão Preto**

Fundação Observatório do Livro e da Leitura / Livraria Travessa Ribeirão • **São João de Bela Vista** Bagagem Leve Sebo & Livraria • **Santo André** Gambalaia Espaço de Artes e Convivência • **Taubaté** Sebo Estação Cultural • **RIO DE JANEIRO** • **Rio de Janeiro** Academia Brasileira de Letras / Belle Epoque Discos e Livros / Bbooks Livraria / Casa do Choro / Espaço Olto e Meio / Espaço Saracvra / Livraria da Editora da UFRJ / Livraria Leonardo da Vinci / Livraria Universo Centro Cultural / Observatório de Imprensa / Plástico Bolha • **Itaipava** Livraria e Bistrô de Itaipava • **Paraty** Café Pingado / Casa da Cultura de Paraty / Livraria de Paraty / Teatro Espaço • **ESPIRITO SANTO** • **Vitória** Torre de Papel • **Guarapari** Banca da Lua • **São Mateus** Livraria Sebo & Arte • **Três Rios** Livraria Favorita • **GOIÁS** • **Goianã** Evô Café Com Livros / Livraria Palavras • **MINAS GERAIS** • **Belo Horizonte** Armazém do Livro / Ateliê Estratégias Narrativas / Café 104 / Espaço Guajá / FALÉ (Faculdade de Letras UFMG) • **Hajubá** Lume Livraria / Sebo Bis • **Juiz de Fora** Espaço Excalibur / FLUX • **Uberlândia** UFU • **DISTRITO FEDERAL** • **Brasília** Banca da Conceição / Caixa Cultural / Ernesto Cafés Especiais / Livraria. Café e Bistrô Sebinho / Rapport Cafés Especiais e Bistrô • **Celiândia** Projeto Jovem de Expressão • **Taguatinga** ONG Moradia e Cidadania • **MATO GROSSO** • **Cuiabá** Metade Cheio • **MATO GROSSO DO SUL** • **Campo Grande** Livraria LeParole • **LAGOAS** • **Maceió** Casa de Cultura Luso-Brasileira • **BAHIA** • **Salvador** Livraria Boto-Cor-de-Rosa / Livraria e Distribuidora Multimacip • **CEARÁ** • **Fortaleza** Livraria Lamarca / Sebo Ellenia • **PARAÍBA** • **João Pessoa** Centro Cultural Espaço Mundo / Viveiro Pirata / Quintal Armorial / A Budega Arte Café / Usina Cultural Energia • **Cajazeiras** Livraria Universitária • **CZ PERNAMBUCO** • **Recife** A Vida E Bela Café / Borsoli Café Clube / Centro Cultural Raimundo Carrero / Clandestino Café / Lalá Café & Cozinha Afetiva / Livraria Idéia Fixa / Malakoff Café • **Garanhuns** Livraria Casa Café • **Olinda** Sebo Casa Azul • **Salgueiro** Capabella Sebo • **PIAUÍ** • **Teresina** Casa da Cultura / Café da Gota Serena / Espaço Artístico e Galeria Sobrado / Espaço Galpão • **SERGEIPE** • **Araçaju** Livraria Escariz • **AMAZONAS** • **Manaus** O Alienígena Acento e Espaço Cultural • **PARÁ** • **Belém** Fox Vídeo • **MARANHÃO** • **São Luís** AMEI - Associação Maranhense de Escritores Independentes / Academia Ludovicense de Letras / Livraria Poeme-se / Sebo Arteiro

Projeto Adote uma Biblioteca

Adopt Some Library project

PARANÁ • Curitiba Biblioteca da SEPT / Biblioteca da UniAndrade / Biblioteca da Universidade Tuiuti / Biblioteca da UP / Biblioteca da UTFPR / Biblioteca de Ciências Humanas da UFPR / Biblioteca do Bosque Alemão / Biblioteca do Colégio da Polícia Militar do Paraná / Biblioteca do Paço / Biblioteca Graciosa Country Club / Biblioteca Hideo Handa / Biblioteca Pública do Paraná / Bondinho da Leitura / Casa da Leitura Augusto Streser / Casa da Leitura Dario Velozo / Casa da Leitura Hilda Hilt / Casa da Leitura Jamil Snege / Casa da Leitura Laura Santos / Casa da Leitura Manoel Carlos Karam / Casa da Leitura Marcos Prado / Casa da Leitura Maria Nicolas / Casa da Leitura Miguel de Cervantes / Casa da Leitura Nair de Macedo / Casa da Leitura Osman Lins / Casa da Leitura Paulo Leminski / Casa da Leitura Vladimir Kozák / Casa da Leitura Walmar Marcelino / Casa da Leitura Wilson Bueno / Casa da Leitura Wilton Martins / Forol das Cidades / Forol do Saber Antônio Machado / Forol do Saber Aparecido Quinaglia / Forol do Saber Aristides Vinholes / Forol do Saber Emilio de Menezes / Forol do Saber Frei Miguel Bottacin / Forol do Saber Gibran Khalil / Forol do Saber Machado de Assis / Forol do Saber São Pedro e São Paulo / Forol do Saber Tom Jobim / Gerência Farióis do Saber / Gibteca Jardim Pinheiros • **Adriánópolis** Biblioteca Cidadã Helena Kolody • **Ampere** Biblioteca Cidadã Professora Cremilda Viana • Arapongas Biblioteca Pública Municipal Machado de Assis • **Araucária** Biblioteca Pública Emiliano Pernetá / Casa das Palavras Brincantes • **Cambé** Biblioteca Pública de Cambé • **Campo Largo** Biblioteca Pública Municipal Dr. Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo • **Campo Mourão** Biblioteca da Indústria do Conhecimento • **Cantagalo** Biblioteca Pública Municipal Valdemir José Bona • **Cascavel** Biblioteca Pública Sandálio dos Santos • **Castro** Biblioteca Cidadã Prof.ª Nelsi Kugler • **Contenda** Biblioteca Pública Municipal • **Doutor Camargo** Biblioteca Cidadã Professora Eliza Regina Castanheira de Santana • **Guarapuava** Biblioteca Municipal Padre Ruiz de Montoya / Biblioteca do Centro de Artes e Esportes Unificados - CEU • **Lobato** Biblioteca Municipal Castro Alves • **Londrina** Biblioteca Municipal de Londrina • **Marechal Cândido Rondon**

Biblioteca Cidadã Alice Weirich • **Maringá** Biblioteca Prof. Bento Munhoz da Rocha Netto / Gerência do Livro, Leitura e Literatura de Maringá • **Maripá** Biblioteca Pública Cidadã Prof. Marlene Aienbrant • **Nova Fátima** Biblioteca Cidadã de Nova Fátima • **Ourizona** Biblioteca Cidadã Prof.ª Ivete Aparecida Zaninello Bosen • **Palmeira** Biblioteca Municipal Moisés Marcondes • **Pato Branco** Biblioteca Municipal de Pato Branco • **Piñen** Biblioteca Municipal Professora Helena Braun / Biblioteca Pública Municipal de Piñen A/C Eber Godoi • **Pinhais** Biblioteca Pública de Pinhais • **Ponta Grossa** Biblioteca Pública Municipal Professor Bruno Enei • **Pontal do Sul** Biblioteca do Colégio Manoel Borges de Macedo • **Rio Branco** do Sul Biblioteca do Colégio Manoel Borges de Macedo • **Rolândia** Biblioteca Cidadã Michael Trauman / Biblioteca Professor Eduardo Kasperski / Biblioteca Professor José Antônio Goria / Biblioteca Pública Rui Barbosa / Biblioteca SESI Indústria do Conhecimento • **Santa Mariana** Biblioteca Pública de Santa Mariana • **Terra Boa** Biblioteca Cidadã de Terra Boa • **Teixeira Soares** Biblioteca Municipal Cidadã de Teixeira Soares • **Tibagi** Biblioteca Pública Municipal Historiador Luiz Leopoldo Mercer • **Toledo** Biblioteca Pública Municipal de Toledo • **União da Vitória** Biblioteca IFFR de União da Vitória • **SANTA CATARINA** • **Florianópolis** Biblioteca Pública de Santa Catarina • **Blumenau** Biblioteca Municipal Dr. Fritz Müller / Biblioteca Universitária da FURB • **RIO GRANDE DO SUL** • **Porto Alegre** Biblioteca Pública do Estado do RS • **Anta Gorda** Biblioteca Pública Municipal Cecília Meireles • **Pelotas** Biblioteca Pública Pelotense • **SÃO PAULO** • **São Paulo** Biblioteca Pública Alceu Amoroso Lima / Biblioteca Mário de Andrade / Biblioteca de São Paulo / Biblioteca Parque Villa-Lobos • **Arujá** Biblioteca Municipal de Arujá • **Taubaté** Coordenadoria do Sistema Integrado de Bibliotecas da UNITAU • **RIO DE JANEIRO** • **Niterói** Biblioteca Popular Anísio Teixeira • **ESPIRITO SANTO** • **Vitória** A/C Rita de Cássia / Biblioteca Pública Municipal de Vitória • **Cariacica** Biblioteca Pública Municipal de Cariacica • **Vila Velha** Biblioteca Pública Municipal Vila Velha • **MINAS GERAIS** • **Juiz de Fora** Biblioteca Pública Murilo Mendes • **Itulubata** UFU - Biblioteca Setorial Itulubata • **Monte Carmelo** UFU - Biblioteca Setorial Monte Carmelo • **Patos de Minas** UFU - Biblioteca Setorial Patos de Minas • **Uberlândia** UFU - Sistema de Bibliotecas / UFU - Biblioteca Central Santa Mônica / UFU - Biblioteca Setorial Umuarama / UFU - Biblioteca Setorial Educação Física / UFU - Biblioteca Setorial Hospital de Clínicas • **BAHIA** • **Salvador** Biblioteca Betty Coelho / Biblioteca Pública do Estado da Bahia • **Caxias** Biblioteca Pública Odly Costa • **CEARÁ** • **Fortaleza** Biblioteca Comunitária Livre Curió • **PERNAMBUCO** • **Recife** Biblioteca Comunitária Caranguê Tabaires • **PIAUÍ** • **Teresina** Biblioteca Pública Estadual Desembargador Cromwell de Carvalho • **ACRE** • **Rio Branco** Biblioteca Estadual do Acre • **MARANHÃO** • **São Luís** Biblioteca Pública Benedito Leite / Biblioteca Central da UFMA • • **Caxias** Biblioteca Pública Odly Costa • **PARÁ** • **Belém** Biblioteca Comunitária Antonio Tavernard • **RORAIMA** • **Boa Vista** Biblioteca Pública do Estado de Roraima • **TOCANTINS** • **Palmas** Biblioteca Pública Municipal Jaime Câmara Cortesia

APOIATCHELLIS

Alexandre Guarnieri	Rio de Janeiro
Maurício Limeira	Rio de Janeiro
Ana Paula Oliver	São Paulo
Lis del Barco	São Paulo
Maria Carolina de Bonis	São Paulo
Tchello Barros	São Paulo
Daniel Osiecki	Curitiba
Flavio Jacobsen	Curitiba
Jaciara Carneiro	São José dos Pinhais
Joseani Ribas	Curitiba
Mara Lima	Curitiba
Samantha Abreu	Londrina
Jeison Giovanni Heiler	Jaraguá do Sul
Dinovado Gilioi	Florianópolis
Demétrios Galvão	Teresina
Joseani Netto	Santos Dumont

APOIADORES são assinantes do Relevo que nos auxiliam na divisão de custos da distribuição, levando o nosso periódico até cidades onde as nossas mãos não alcançam.

Clichês

OMBUDSMAN – Gisele Barão

Em 10 de agosto, a escritora, professora e crítica literária Noemi Jaffe esteve em Curitiba para participar do Litercultura. Além de apresentar uma densa lista de sugestões de leitura e descrever sua própria trajetória e formação, Noemi fez alguns comentários sobre o processo de escrita. A palestra toda me fez pensar em algumas coisas que decidi compartilhar neste espaço.

A primeira dica é sobre como avaliar o que escrevemos. Basicamente, Noemi defende que, se você terminar uma frase e ela te deixar orgulhoso e admirado, apaixonado por si mesmo, é o caso de cortá-la do texto. Provavelmente está ruim. Isso porque a literatura não precisa ter compromisso com o belo. O autor não deve se preocupar em mostrar ao leitor que escreve bem. Ela explica melhor a ideia em um post no blog da Companhia das Letras: “Algo soa mal, algo escapa da fluência da leitura, do prazer do texto, de sua verdade textual, quando um personagem diz algo mais belo do que naturalmente diria ou quando o leitor se intimida diante das cambalhotas lírico-frasais do autor”.

Na palestra, a escritora também disse que é necessário fazer exercícios mentais para evitar os clichês. Caso contrário, de repente nos pegamos escrevendo “árvore frondosa”, “frio e calculista”, ou qualquer

coisa assim. Seria algo semelhante, ela explica, ao que George Perec fez em *O sumiço* (1969), livro que escreveu sem utilizar a letra “e”. São tentativas de evitar construções, linguagens e estilos viciados.

Neste ponto eu incluo uma reflexão que não é nova, mas serve para o momento: não devemos também fazer exercícios mentais para evitar temas que são lugares-comuns ou abordagens clichês sobre eles? Na edição de agosto do **RelevO** alguns textos parecem se esforçar nesse sentido. Outros, não. Um tema perigoso que podemos usar como exemplo: “crises existenciais de um escritor”. Há quem escreva sobre isso muito bem, inclusive autores paranaenses. Também tem *O ano em que vivi de literatura*, livro do Paulo Scott (Editora Foz, 2015), que dá uma boa desenrolada no assunto. Mas, dependendo da abordagem, a impressão é de que estamos mesmo diante de um clichê.

Obviamente não cabe a ninguém determinar sobre o que se deve escrever ou não. Estamos falando sobre exercícios, tentativas. Se escrever é propor desafios a si mesmo, publicar significa desafiar o leitor, provocá-lo. O **RelevO** parece executar bem essa função.

livros | vinis



Joaquim Livraria & Sebo

R. Alfredo Bufren, 51
Centro Curitiba-PR

info@joaquimlivraria.com.br fb.com/joaquimlivraria



ADVOCACIA
CONSUMIDOR – CÍVEL – FAMÍLIA
CONTRATOS – TRABALHISTA

Bruno César Deschamps Meirinho
OAB/PR 48.641

RUA JOSÉ BONIFÁCIO, 135, 2º ANDAR, LARGO DA ORDEM,
SÃO FRANCISCO, CURITIBA-PR
(41) 3564 7194 (41) 984 405 050

FISK

CENTRO DE ENSINO

3642-3690

3031-7040

R. JOÃO PESSOA, 35 – ARAUCÁRIA/PR



Tatiana Bicalho

Poemas integrantes de *Notícias Populares*
(Impressões de Minas Editora/Selo Leme, 2018)

joyce, moreninha safadinha
top dez dos classificados
foi encontrada morta junto
da sua coleção de
pênis
causa mortis
provável suicídio
deixa um classificado
agradece a preferência

I

suellen leva uma vida
de princesa
em nova york na big apple,
big apple
filha de uma rainha, sem trono
sem reino
sem cetro e com algum
séquito
suellen transita por lugares
descolados e
sofisticados
é habitué de lojas
fashionistas e bairristas
suellen é estudante de
moda, resolve sua
vida a pé na área da union
square
suellen mora com uma
amiga com
quem divide a despesa, o
auau
e o rooftop que em português
significa terraço, que é o
lugar favorito da mocinha
para fazer brincadeiras e
brincar com a cachorrinha
que divide com a amiga, a despesa, o
rooftop e o
auau
o imóvel tem vista
livre para a praça que é
frequentada por um monte
de gente esquisita e artistas
que cospem fogo,
bailarinos que rodopiam na
meia-ponta dos pés,
cantores desafinados,
passarinhos, ratos e
alguns gatos perdidos
que fazem
meow
o apartamento de suellen
tem uma sala ampla e uma
cozinha americana e ela
mora em new york,
start spreading the news
suellen fez uma exigência,
só aceitaria morar em um prédio que
tivesse um
rooftop top e animais, woof,
woof
que em português significa
auau

II

suellen bate ponto no the
roxy hotel
mas suellen é estudante de
moda
ela desenha, corta, costura
alinhava, prega botão só
não
faz remendo
ela tem amizade com duas
brasileiras
que em inglês significa
she has a lots of friends
seus lugares preferidos são
o west village
com bares com música ao
vivo, pizza barata
e lugares com achados
imperdíveis
ruas sem saída e parques,
central park
park slope, riverside park,
bryant park,
park avenue, prospect park,
parque lage
suellen anda de metrô, anda
nos perímetros
de sua vida na union square,
que em português
significa praça união, nova
iorque, eua
suellen gosta dos letreiros
da times square
das luzes cintilantes
intermitentes e de
um bando de gente de olhar
perdido
por entre arranha-céus,
flashes, bocas de lobo
e o fog artificial dos
restaurantes em chinatown
suellen se mistura na
multidão e no meio do
tráfego
ela só para quando avista
um sinal de letras em
vermelho
onde se lê:
DON'T WALK que em
português significa
fim.

Tesão no protesto

durante as manifestações
dois estudantes aos gritos
retumbantes trocaram
seus olhares no meio da
multidão
ela gritava fora
ele respondia dentro
durante as manifestações
dois estudantes aos gritos
retumbantes trocaram
beijos ao som de tiros
de escopeta, spray de pimenta
cassetete e balas de borracha
durante as manifestações
dois estudantes morreram de tesão
televisonados pela emissora em cadeia
nacional em meio a uma tensão e em
plena recessão

doronildes, dona de casa
meia idade, meio ciumenta
matou o marido, um pm
meio aposentado, meio encostado
com golpes certos de amor
na cama
com linho e fel
não se conformava com as ausências
matrimoniais
ela foi parar em cana
não tinha remorsos
apenas dois dentes e
um sorriso
meio torto, meio amarelo

Flagrante no presídio

atenção isto é um fragrante
um delírio alucinante
um jato de lança – perfume
sem baile, sem confete e serpentina
só bomba, canivete e colchonete
zé do pingulim, tião de morte,
benê dos prazeres, chico pardo
todos amontoados no cubículo
de um metro quadrado
pele com pele, hálito a vapor,
dança de rato,
odor acumulador,
da murrinha do suvaco
de josé eustáquio silva, conhecido
como o bandito sedutor

script

brad pitt se envolve em acidente de trânsito com três carros
em los angeles

brad pitt envolvido em acidente de carro

brad pitt se envolve em acidente com dois carros

brad pitt envolvido em acidente de aviação

brad pitt se envolve em acidente e bate o carro nos eua

brad pitt bate o carro em los angeles

brad pitt bate em filho que defendia angelina

brad pitt agrediu verbalmente o filho e nega que bateu

brad pitt ameaçou bater em produtor predador

motorista bate em carro de brad pitt

angelina bate em brad pitt

angelina bate na cara de pitt por ciúme

bruno gagliasso bateu brad pitt em ranking de rostos mais
bonitos

myke tyson diz em biografia que quase bateu em brad pitt

madonna tem sonho sadomasoquista com brad pitt

brad pitt bate palminha bate

brad pitt bate forte o tambor

brad pitt bate papo com desconhecido

brad pitt bate palmas durante a premiação

brad pitt chora quando bate a saudade

brad pitt bate recorde de bilheteria

brad pitt faz bate e volta de los angeles

brad pitt bate punheta



Retrato de Mitie Taketani feito em pintura a óleo por Odyr Bernardi em 2015.

Um desafio bienal: tirar as pessoas de casa

MAIDAN – Ben-Hur Demeneck

Faltavam menos de 40 dias para iniciar a Bienal de Quadrinhos de Curitiba, no Museu Municipal de Arte, entre 6 e 9 de setembro. A curadora do evento,

Mitie Taketani, para de fazer contatos por telefone, e-mail e redes sociais para conversar com os leitores da coluna Maidan e compartilhar a sua leitura

cultural da Bienal.

Cada entrevista nasce interrompida. Esta falhou em captar o lado afetivo, dominante na personalidade da

entrevistada. Seu humor também foi subaproveitado. Agregadora nata, Mitie ilustra seu comportamento ao citar o arquiteto Paulo Mendes da Rocha — “a

cidade foi feita para a gente conversar” — e conclui que uma Bienal se faz para conversar olho no olho e ter a chance de materializar sonhos.

A entrevista ocorreu na Itiban Comics Shop, loja especializada em quadrinhos que Mitie dirige há quase três décadas, perto da UTFPR, região central de Curitiba. Confira na conversa informações sobre tendências nos quadrinhos, a relação entre HQ e liberdade, porque Curitiba virou uma Disneylândia, o fantasma Amazon, a exposição de 30 metros desenhada a nanquim e as residências artísticas que vão palmilhar a terra dos pinheirais.

Que pontos e contrapontos você vê no horizonte dos quadrinhos e que estarão na vitrine da Bienal?

O quadrinho passa por um momento de muita vontade de incluir os excluídos. A gente vê uma movimentação forte, inclusive por uma nova geração de quadrinistas que apresenta temas LGBTQ+, dos negros, dos índios. Quadrinhos que trazem aquilo que está nas margens para dentro das histórias. Há também o retorno do gênero terror e o fortalecimento do jornalismo em quadrinhos. E há todo um universo on-line, de sites e blogs, como é o caso de redes formadas por mulheres. Como contraponto, uma das coisas mais preocupantes é a quebra das redes de livrarias, o que afeta muito o mercado dos quadrinhos que, digamos, são o “irmão pobre” da literatura. Prejudica até para ganhar visibilidade e o apoio da imprensa e dos investidores. Estes próprios não investem tanto, né? Talvez porque ninguém venda 100 mil exemplares de HQ. Se o mercado de livros, em geral, é um caos, e o governo não compra mais livros para bibliotecas, para os quadrinhos é pior. Os editais também são bem restritivos e, às vezes, com grupos de curadores muito fechados. Os prêmios e a forma de premiar também precisam mudar.

Que critérios você considera para escolher artistas e montar a programação?

Divido a curadoria com Érico Assis, tradutor e jornalista especializado em quadrinhos. Ele é muito mais “pé no chão” do que eu. Brinco que ele é o Pinky e eu sou o Cérebro. Quero trazer alguém e ele já diz “Mitie, tem livro dele traduzido no Brasil?”. Esse é um dos critérios: ter um livro lançado no Brasil. É um critério que

eu questiono muito. Quem seria interessante trazer para o Brasil, mas não está publicado?

Um exemplo seria o francês Benoit Peeters e o belga François Schuiten [respectivamente, roteirista e desenhista de *Les Cités Obscures*]. Eles têm um trabalho em dupla na França e na Bélgica, que é *Sonhar Paris* [*Revoir Paris*], em que eles traçam um imaginário da cidade. Essa exposição eu vi na França e é fantástica. Eles pensam numa Paris futurística. Há publicações como *La Revue Dessinée* [larevuedessinee.fr], que é uma revista especializada em jornalismo em quadrinhos. Ela publica artistas como Cyrille Pomès, quadrinista que desenhou sobre o local onde os imigrantes ficam em Calais. Chegamos a convidar o Franck Bourgeron, editor da *La Revue Dessinée*, para participar. Só que ele não pode vir porque houve uma compra de duas outras revistas com essa mesma temática — a *Revue XXI* e a *6Mois*. Ele tinha uma fome enorme de vir para cá.

Como é ser curadora de uma Bienal de quadrinhos em uma cidade que está sendo vista pelo restante do país como símbolo de conservadorismo? Vai ter um diálogo dessa questão na Bienal?

Vai. Vamos brincar com a questão a partir de um quadrinho que saiu pelo Luiz Gê — *Ah, como era boa a ditadura* (Companhia das Letras) — e na mesa, junto do Gê, estará o Rafa Campos Rocha, que trabalha para o portal Nocaute [canal mantido pelo jornalista Fernando Morais]. Ele vai vir exclusivamente para cobrir publicações independentes. O Rafa também é autor de *Deus aos domingos* (Veneta), um personagem que é mulher, deusa, pelada, negra e que tem tesão. Tudo isso vai bater de frente com muitos valores. Porque a “ditadura” não é só política-militar, a ditadura é também a do corpo e da estética. A gente quer tratar [na Bienal] de liberdade. Em relação a essa Disneylândia de Curitiba, a ideia era a gente ir até o acampamento, fazer um diário do Lula em quadrinhos, mas é que a gente não quer se envolver diretamente com política, mas é um tipo de tema que serviria para cutucar.

Contraponto à “Disneylândia de Curitiba”?

“Cutucar” é uma característica da Bienal, tanto que os convidados todos têm um discurso muito forte.

O Marcelo D’Salette [autor de *Cumbe*, HQ premiada com o Eisner] vem. Ele não é agressivo; ele simplesmente tem argumento para falar tudo o que ele sabe [as HQs mais conhecidas de D’Salette expõem a resistência negra durante o período da escravidão]. Ele já se justifica como um grande contraponto ao que estamos vivendo em Curitiba, mas também ao que tem havido em relação à arte e ao corpo, que a gente tem visto em museus [referência às reações às exposições “Queermuseu” (Santander Cultural) e “La Bête” (MAM), ambas em 2017]. O Gidalti Jr., que ganhou o Jabuti em quadrinhos com *Castanha do Pará* [editora independente], foi censurado. A exposição dele, que foi censurada em Belém (PA), vai estar aqui. Tudo isso é para a gente rever: o que é que as pessoas estão vendo por trás das imagens?

Apesar de toda a virtualidade, por que é importante as pessoas se encontrarem em lojas de quadrinhos e em bienais?

Certamente há uma troca gigante entre os artistas. Por exemplo, vai ter a Feira da Bienal de Quadrinhos, que reúne pelo menos 150 quadrinistas do Brasil inteiro trazendo seu zine, sua primeira publicação. Essa troca é fantástica! Vai ter o “Palco Ocupa”, em que o expositor vai ter espaço para falar sobre o trabalho que está desenvolvendo. E fora essa troca de informações, que, às vezes, é muito rápida e não dá tempo, o próprio artista tem a chance de chegar direto no leitor novo e o fidelizar. Embora tenha rede social, internet, esse contato é que nem ver seu ídolo de rock ao seu lado e daí você fica “Meu Deus, ele é tão simples!”, “Ele autografa, ele desenha”. É ter contato com a materialidade dos sonhos, é você ficar perto do seu artista. Paulo Mendes da Rocha [o arquiteto brasileiro vivo com maior reconhecimento no mundo; ganhador do Leão de Ouro da Bienal de Arquitetura de Veneza em 2016] fala que “a cidade foi feita para a gente conversar”. Para isso é que a gente faz uma cidade: para as pessoas terem com quem conversar. A Bienal é isso: é você conversar olho no olho, você ouvir, você ter a réplica, a tréplica, o sorriso, a emoção, o subjetivo que inexistente nas redes sociais. Tirar as pessoas de casa já é um grande trunfo.

Além de palestra e exposição, em que outros formatos a Bienal aposta?

Os artistas locais vão sonhar e criar

uma Curitiba futurista a partir da pergunta “qual é a relação do artista com a cidade?”. E caminhando ao lado dessa exposição, vai ter uma residência artística com três artistas: Luli Penna, Marcello Quintanilha e Eloar Guazzelli. Eles vão ficar uns tempos antes mapeando a cidade, desenhando. Vai ter também uma cidade-nanquim, do Guazzelli, de trinta metros, que ele faz desde 1990 e que ele desenhou em folha A4, sem rascunho, sem nada, feita direto a nanquim. Ao todo, ela tem quase trinta metros. A gente sempre busca temas como a cidade em quadrinhos porque ela movimenta muitas questões, além dos jornalistas, dos artistas de teatro, dos arquitetos e dos membros de movimentos urbanísticos. O próprio homenageado, Key Imaguire Jr. [idealizador da Gibiteca de Curitiba, arquiteto e urbanista], apaixonado pela linguagem dos quadrinhos, é um caminhador, um andarilho. Os participantes são pessoas que já trazem em seu corpo uma coerência com o que pensam.

Como esse conhecimento acumulado de décadas como livreira se traduz nesse momento de curadoria?

Sinto como uma possibilidade de envelhecer no sentido biológico, mas sem nunca perder a energia. Me parece um caminho muito natural. Não tenho currículo, não tenho nada. Mas as coisas aconteceram de uma maneira orgânica e fizeram parte do crescimento. Não vejo nada premeditado. Não vejo como “ah, agora eu posso trabalhar com curadoria”. É um prazer enorme. Na verdade, o carinho que tenho para comprar cada gibi da minha loja, eu uso para a Bienal.

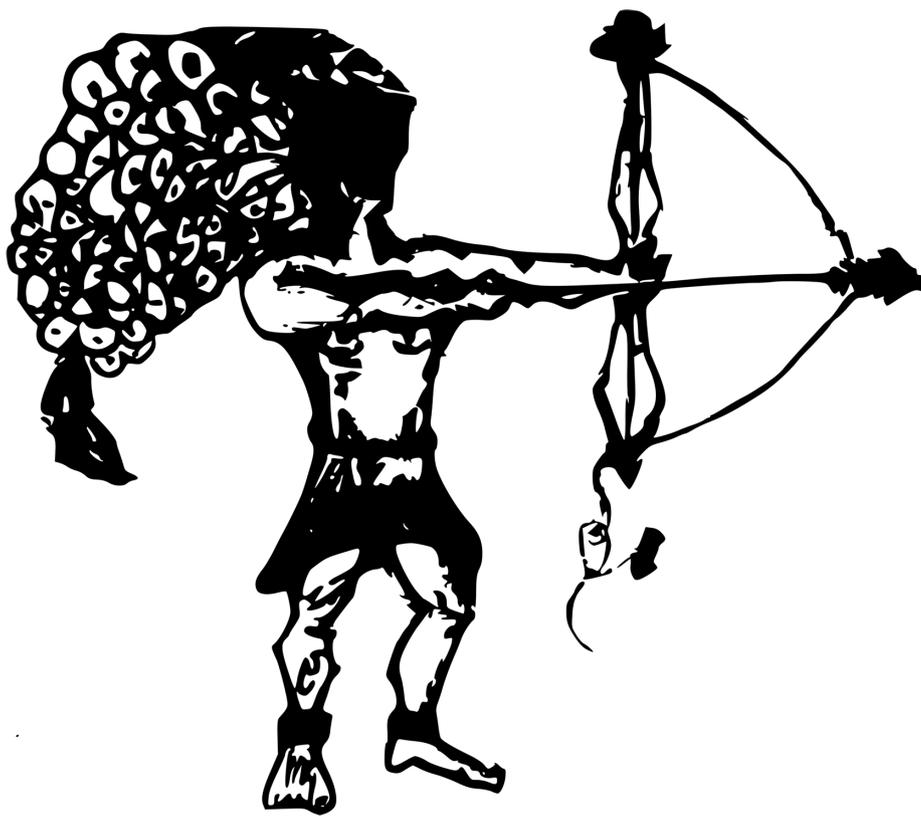
E se restar só a Amazon de livraria?

A gente vai para trinta anos de loja. Não sei se continuaremos porque é uma coisa muito difícil. É cada vez pior. E a gente cai no tema da última mesa da Bienal que vai ser “E se restasse só a Amazon como livraria?”. Porque isso engloba todo o mercado e tudo termina na Amazon. E por que não existe no Brasil a lei do preço único? Daria um conforto à toda a cadeia do livro. Aliás, o livro não é um produto qualquer. Ele é cultura, arte. Ele não pode ser vendido como um celular, como um caderno, como uma roupa. Ele dura a vida inteira e é um bem cultural e humano.

O espírito *aboni* das coisas

Itamar Vieira Junior

Trecho de conto integrante de
A oração do carrasco (Mondrongo, 2017)



O sol *bahi* cresceu no céu *neme* com muita luz. Agora é hora de partir. Tokowisa se pinta para adentrar a floresta. Tokowisa carrega penas, zarabatana, arco e flecha. Tokowisa tem os pés descalços e o corpo forte. Quando entra na floresta, não se distingue a força de uma árvore da força de Tokowisa. Não se distingue o espírito *aboni* de uma árvore do espírito *aboni* de Tokowisa. Não se distingue o espírito *aboni* de um caititu *kobaya* do espírito *aboni* de Tokowisa, nem o de um macaco-guariba *dyico* do espírito *aboni* de Tokowisa. Todos os animais falam e indicam os caminhos das coisas. Tokowisa para, escuta o que a árvore diz. Ele se agacha na beira do rio *faha*

e escuta o que lhe diz. Olha para o céu *neme* para logo depois fechar os olhos e escutar o que a chuva *faha* lhe diz.

Tokowisa precisa encontrar a palmeira de abatosi para curar sua mulher, Yanici, que espera um filho. Tokowisa tem outros filhos e filhas. O velho xamã disse que Tokowisa tem que encontrar a palmeira de abatosi nas terras de longe. Tokowisa tem suas pernas e quer chegar a uma das mil margens do rio *faha*. Também tem braços, e é na canoa que sobe os igarapés até chegar ao leito do grande rio. A mulher de Tokowisa tem sangramento e faltam luas para seu filho nascer. A mulher de Tokowisa, Yanici, já não carrega o cesto e não

cuida da roça de mandioca e milho. Ela fica deitada na rede e Tokowisa sai para caçar. Mas o pensamento *ati boti* de Tokowisa fica com a mulher. O xamã soprou tabaco sobre o corpo da mulher e invocou os deuses. Pediu que lhe trouxesse a abatosi para poder curá-la. Tokowisa não vai partir com outros homens de sua aldeia porque seu espírito *aboni* o levará para uma terra de guerra. Ele e o xamã sabem do perigo. Tokowisa deve seguir sem os homens de sua aldeia.

“É você mesmo?”, perguntou o xamã. “Sim, sou eu mesmo”, respondeu Tokowisa. O xamã queria saber se o espírito *aboni* de Tokowisa habitava seu corpo. “Vá para uma das mil margens do rio *faha* e colha as folhas verdes e os frutos da abatosi”, ordenou o xamã. “Sim, eu vou”, disse Tokowisa. “Pinte-se para a guerra”, ordenou o xamã. “Sim, eu faço”, respondeu Tokowisa. Então preparou sua canoa, amarrou os adereços em seu corpo, pegou as coisas de que precisava e saiu quando o sol *bahi* iluminou o céu *neme*.

Tokowisa prepara a canoa e espera o céu *neme* se iluminar. Deixa a filha mais velha, Neme, que já maneja o cesto e colhe a mandioca, para cuidar da mãe que não levanta da rede. Tokowisa sobe o igarapé remando suave pelas águas calmas. Vê peixes aba e pássaros *bani*. Olha para o céu *neme* e escuta tudo. Tokowisa tem que prestar atenção no coração *ati boti* da floresta porque nenhum sinal pode escapar ao seu espírito *aboni*. Para encontrar a abatosi,

Tokowisa tem que escutar tudo, tem que olhar tudo, tem que conhecer o movimento do vento *boni*, tem que ouvir o caminho das águas e os cantos dos pássaros *bani* no céu *neme*. Ele sobe o rio *faha* e se prepara para os dias em que ficará longe da aldeia. Tokowisa precisa de força para encontrar a abatosi. Pinta-se e entoa cantos para que os deuses ouçam e lhe deem a força e a riqueza de que precisa.

Tokowisa carrega no coração *ati boti* a imagem de Yanici deitada na rede e com a face pálida. Ela tem uma matilha de cães *yome* ao seu redor e as crianças que choram querendo peixe aba e bolo de mandioca *fowa kabe*. Yanici foi surpreendida por um feitiço lançado por um xamã da aldeia que guerreia contra a aldeia de Tokowisa. O feitiço era para Tokowisa, mas foi Yanici que caiu de fraqueza, porque carrega o filho guerreiro. O xamã teme que o espírito *aboni* de Yanici seja raptado pelos *inamati bote*, que moram debaixo da terra. Os *inamati bote* foram invocados pelo xamã que lançou o feitiço por vingança às perdas que tiveram na última batalha. Por isso, Tokowisa tem que trazer a abatosi para que as intenções dos espíritos velhos sejam revertidas. Tokowisa vai só, para que a aldeia *tabora* não fique desprotegida.

Tokowisa é um guerreiro, mas agora corre perigo. Sua aldeia está em guerra contra a aldeia *yawa* de uma das mil margens do rio *faha*. Tokowisa não vai comer carne de caça enquanto não

encontrar a abatosi. Tokowisa não quer desagradar a *yama* que lhe visitou em sonho para indicar o local onde estava a palmeira de abatosi. A *yama* apareceu com olhos de fogo e pelo muito branco. Tokowisa lembra muito bem da palmeira de abatosi na beira de um igarapé, tal qual lhe apareceu no sonho. A *yama* levou Tokowisa até a palmeira de abatosi. Tokowisa não pode comer animais. Vai comer *asahi* e outros frutos que encontrar para não desagradar a *yama*. Seu povo teme a *yama*. Tokowisa não teme a *yama*.

Tokowisa e sua canoa sobem o rio *faha* e seus braços fortes manejam o remo *koyari*, muito atento, escutando para saber para que lado deve seguir. O rio *faha* vai dizendo com o som das águas e vai abrindo caminho para a canoa que sobe, deixando para trás a aldeia *tabora*. Rio acima, *nakani*. Rio abaixo, *bato*. Tokowisa não está sozinho porque o espírito *aboni* das coisas e dos animais o acompanha. Tokowisa não tem medo da guerra, nem dos homens da guerra, nem dos brancos. Tokowisa sabe que seu povo tem morrido porque os homens brancos querem levar os corpos das árvores. Tokowisa não tem certeza de que os brancos são humanos *jarawara*. Os homens brancos não temem a maldição reservada aos que desrespeitam a terra *wami*. Os homens brancos acham que eles existem sozinhos e que as árvores e os animais são desprezíveis. Os homens brancos matam velhos, matam mulheres, matam homens, matam crianças, tudo para levar o corpo das árvores. “Para que eles querem uma árvore sem seu *aboni*?”, pergunta Tokowisa para si mesmo. “Se retirar a árvore da terra *wami* seu *aboni* vai para o céu *neme*”.

“De que adianta ter uma árvore sem seu *aboni*?”, Tokowisa se pergunta quando para e descansa da viagem.

Tokowisa para e a noite *yama soki* desce no céu *neme*. Faz uma fogueira pequena que ilumina aquele pedaço da floresta. Yanici está vagando no pensamento de Tokowisa. Cansado, Tokowisa deita no chão da selva, com o arco, a flecha e a zarabatana ao seu lado. Tokowisa espera um sonho que indique se está perto ou longe da palmeira de abatosi. Fecha os olhos e espera.

Os homens carregam o arco e a flecha. As mulheres carregam o cesto. Os homens caçam e guerreiam. As mulheres roçam e cuidam dos homens que guerreiam. As mulheres dançam. Os homens dançam. As mulheres cantam. Os homens cantam. Pintam seus corpos com as cores da terra *wami*. O arco e a flecha permitem aos homens capturar a caça e o peixe *aba*. O cesto é para que as mulheres carreguem os frutos de suas roças. Milho *kimi*, mandioca *fowa bao*, mandioca *fowa basota*, mandioca *fowa nestona*. Os homens cuidam de suas mulheres, porque as mulheres são a força para os homens; os homens são a força para as mulheres. Tokowisa quer salvar Yanici e volta para a canoa na beira do rio *faha* para continuar a subir em busca da abatosi.

Tokowisa começa a ver um clarão na floresta que indica que tem homens brancos retirando árvores sem seu espírito *aboni*. Lembra que muitas histórias tristes chegam à aldeia e os homens se preparam para a guerra. As mulheres estocam alimentos na terra. Plantam todas as variedades de mandioca *fowa* e as deixam guardadas debaixo da terra para, quando chegar a guerra, alimentar seu povo. Os homens brancos têm madeira que

cospe fogo e sangra os homens até a morte. Os homens da aldeia têm o arco e a flecha. Têm também a zarabatana que paralisa uma onça *yome* maior que um homem, com seu veneno. Os homens de sua aldeia guerreiam com os homens de outra aldeia. Tokowisa não teme nenhum deles. Tokowisa nasceu para ser guerreiro e participou de muitas batalhas. Sabe que nada pode passar na terra *wami* sem que seja vingado. Que tudo que fazemos aqui precisa ser vingado aqui mesmo.

Tokowisa é um homem que sobe o rio *faha* com sua canoa. Os guerreiros de seu povo não estão ao seu lado, mas Tokowisa tem o mundo: a terra *wami*, a água *faha* e o céu *neme*. Tokowisa pode falar com a pedra *yati* quando desce da canoa. Pode falar com o boto e ouvir sua resposta. Pode falar com os espíritos *aboni* do céu *neme*. Com o espírito *aboni* das árvores. Tokowisa carrega o mundo em seu coração *ati boti*. Yanici está em seu *ati boti*. Os seus filhos também.

Tokowisa ouve estrondos que parecem com o som da madeira que cospe fogo dos homens brancos. Estão matando o *aboni* das coisas, pensa. Tokowisa pode sentir clarões de luz vindo do interior da floresta. Tokowisa disse para o xamã que as árvores tremem de medo dos homens brancos que devoram a floresta. Tokowisa pode sentir o alvoroço na selva. Sabe que os espíritos *aboni* do céu *neme* serão implacáveis em sua vingança para com os homens brancos.

Passaram-se muitos dias e Tokowisa chega ao lugar que a *yama* do sonho lhe indicou. O sol *bahi* está no alto do céu. Sua luz desce entre as nuvens iluminando a solitária palmeira de

abatosi na beira do igarapé. Tokowisa toca a palmeira de abatosi e pede licença ao seu *aboni* para subir em seu corpo. Sobe a palmeira de abatosi, retira as folhas mais verdes e os frutos mais maduros. Tokowisa respira, respira, respira. Bebe a água *faha* e desce com sua canoa para continuar sua viagem.

Chove muito, depois que Tokowisa continua a sua viagem. Ele resolve parar para que a chuva faha não encha sua canoa. Tokowisa, cansado, adormece. Não sonha, embora quisesse sonhar para ter notícias de Yanici. Os *yawa* veem uma canoa na margem do rio *faha*, debaixo de uma árvore, quando a chuva cessa. Os *yawa* reconhecem que ali dorme um inimigo *yawa*. Gritam e carregam Tokowisa para a aldeia *yawa* em uma das mil margens do rio *faha* que ele não conhece.

Tokowisa está preso na aldeia de uma das mil margens do rio *faha*. Os homens que guerreiam com sua aldeia *tabora* agora são donos do seu corpo. Tokowisa não teme os inimigos e sabe que deve morrer como um guerreiro. Não pode desapontar os homens de sua aldeia *tabora* com uma fuga da aldeia *yawa*. Como se os homens da aldeia *tabora*, sua aldeia natal, não fossem guerreiros para vingá-lo. Tokowisa não pode desapontá-los. Sabe que não é maior que todos os homens juntos. Tokowisa acredita que os guerreiros da aldeia *tabora* irão salvá-lo. Tokowisa sabe que agora será transformado em um inimigo *yawa*. Perderá seus adereços, seu arco, sua flecha, sua zarabatana. Perderá as cores da sua terra *wami*. Ganhará as cores da terra *wami* dos *yawa*. Ganhará adereços dos *yawa*. Mas o espírito *aboni* de Tokowisa nunca será um *yawa*.

SEU NOVO PORTAL DE CULTURA



**OUÇA.
LEIA.
ASSISTA.**

cultura930.com.br

Rádio Cultura
CURITIBA 930KHZ



HAND LUGGAGE, o segundo romance da autora Cristina Bresser de Campos, foi lançado em inglês pela editora canadense Ricky's Back Yard/ Czymate Productions em agosto de 2018.

“Hand Luggage explores the interpersonal relationships that we all face in our life. It isn't a story of victimhood, but a celebration of survival and a renewal of life.”
Lamar Jenkin

RelevO

Coaching literário



Em prol de uma sociedade mais plena de autores confiantes e de editores que possam comprar vinhos melhores com o dinheiro economizado dos autores confiantes, o **RelevO Coaching Literário** traz dicas fundamentais de como estabelecer uma carreira de sucesso, ser um bom pescador de *zeitgeist* e ter mais do que três likes por postagem no Facebook [conteúdo patrocinado].

1 Escreva (ou Pacote Dunning-Krueger)

Acreditamos que, para se aventurar com alguma performance no mercado editorial, é preciso escrever. Mas não precisa ir com tanta sede ao pote: a construção de períodos legíveis não é um fator essencial, e alfabetização, de certa forma, é uma opressão. Não se preocupe com teoria literária se você já tem uma camiseta de livro que virou filme. Dá pra produzir poema visual, haicai, prosa lírica, palavras de ordem, emojis, qualquer coisa que não demande estilo ou capacidade cognitiva — conceitos que a boa psicologia contemporânea trata bem de resignificar (deixe este trabalho com a gente!). Se não conseguir escrever, compre um editor local para ser seu *ghostwriter*, preferindo aquele que casou com uma funcionária pública e escreve dissertações para clientes mais ocupados. Se você tem sérias limitações cognitivas, pode sempre dividir 10 frases carentes de pontuação com a tecla enter e chamar de concreto, abstrato ou até mesmo inventar uma classificação.

2 Atente-se à sua bio

Mude a sua bio nas redes sociais para Escritor e assuma um pseudônimo ao mesmo tempo artístico e enfático. Exemplo: Raimundo Lima => Raymond Li. Se você é meio patético, acrescente a inicial de um sobrenome. Exemplo: Mateus Senna Favero => Mateus S. Favero. Se você não tem nenhum resquício de vergonha, puxe o nome junto. Exemplo: Mateus Senna Favero => M. S. Favero. Se você e sua obra são mais diretos, menos introvertidos, talvez seja uma boa ideia inserir a palavra ESCRITOR, em caixa alta, no meio do nome. Porque incomodar conhecidos como “Douglas ESCRITOR Almeida” é exatamente o que vai fazer você vender livros. Por fim, acrescente frases de efeito cômico ou citações de autores de livros ditos *cabeçudos* — é premissa, pois estamos a fingir bem a velha espontaneidade —, observando sempre quais são os autores (mortos) que as feiras maiores estão homenageando, explicando o quanto eles influenciaram a sua obra.

3 Tenha opiniões e inimigos em comum

Após espalhar contas em todas as redes sociais que a sua internet suporta pelo plano que você consegue pagar — ou compartilhar do vizinho, aquele fascista —, exercite-se toda manhã. Não *fisicamente*, óbvio, porque escritor não tem tênis esportivo, mas exercite a sua leitura de polêmicas diárias. Após identificar as principais pautas, distribua sabiamente sua opinião, mesmo que o seu amigo acadêmico que usa o mesmo jeans desde 2013 insista em dizer que opinião pública não existe (*borriing*). Pertença a minorias barulhentas (no caso, todo o meio literário, mas é bom segmentar: professor universitário, artista de edital etc.). Indigne-se, afinal, precisamos falar sobre alguma coisa que você sugerir falar. Não deixe de participar de cerimônias de espancamento público que envolvem morteiros metafóricos em fanfarrões literários que ganham dinheiro com literatura (isso existe) e *estranhamente* não valorizam o seu trabalho de graça.

4 Participe de antologias pagas

Sair pela Editora TudoTruta é a mesma coisa que sair pela Gallimard: o importante é ser publicado. Separe 1000 reais de seu orçamento mensal (ou peça a seus pais, também fascistas) e se inscreva em todas as antologias de até 200 textos e 100 autores, dando preferência àquelas que custam menos de 200 reais a página e com temas universalmente literários, como água, sol, natureza e amor. Em um ano, você terá um currículo invejável e estará apto a participar de antologias pagas e com mote social.

5 Lance seu livro na aldeia

É mais uma antologia paga? Tem mais de 100 autores nela? O combinado eram 20 livros, mas você recebeu cinco e teve que desembolsar a diferença? Pense positivamente: você está lá, mesmo que a editora tenha errado seu pseudônimo no sumário. Lance seu livro no cafezinho da cidade metropolitana que você mora, vista seu único blazer (mais sobre isso depois), compre dois centos de salgadinho, faça parceria com a Distribuidora Dri e anuncie comes e bebes gratuitos no evento oficial do Facebook. Poucos comprarão o livro, exceto por pena, e ao menos três pessoas beberão até flertar com a atendente da cafeteria — mas você terá muitas fotografias para garantir a integridade do lançamento. E não tenha vergonha de, na semana seguinte, induzir os amigos a produzirem críticas positivas sobre o seu trabalho (plano premium). Se você for ainda mais cara de pau, antes disso tudo, funde uma editora para se publicar, atento sempre ao fato de que será mais caro, funde o próprio café, funde o próprio crítico literário, funde o próprio grupo de leitura de seus livros, funde o próprio jornal [em expansão].

6 Acumule prêmios

Esta etapa corresponde a um progresso natural da anterior. Depois de participar de dezenas de antologia cujos únicos leitores são os próprios autores (e quem precisa de mais do que isso?), chegou a hora de você ganhar *prêmios* e ser classificado como *escritor premiado*. Afinal, se o prêmio de melhor poesia do Colégio Valdemar Kreutzfeld não valesse nada, por que ele existiria? Busque se aproximar de grupos literários insignificantes que criaram as próprias ACADEMIAS DE LETRAS. Títulos como comendador, chanceler e imortal pegam muito bem.

7 Lance seu livro em feiras literárias/tenha uma boa caneta

É mais uma antologia paga com lançamento no fim do mês, quando pega mal emprestar o cartão de crédito dos pais? Tem mais de 200 autores nela e você é o único que precisará viajar de ônibus? Você segue dentro, bicho, e o lançamento será naquela feira bacanuda que as pessoas frequentam para comprar cachaças artesanais e ouvir literatura sem precisar ler livros. Certamente, metade dos autores comparecerá ao lançamento e ainda postará “fazendo as malas para o meu lançamento”, o que já gerará o importante fenômeno do autopúblico e o deixará tranquilo em relação ao potencial de fracasso que todo evento literário carrega como tatuagem. Parcele um Montblanc no cartão e distribua autógrafos. Crie uma assinatura. Desenhe elefantinhos para as crianças. A melhor das fotografias poderá ilustrar seus perfis públicos e dar o atestado necessário para a sua família continuar gastando a pensão contigo.

8 Participe gratuitamente de eventos literários

Sair de Curitiba de madrugada e falar gratuitamente em Faxinal do Tanque para uma turma de 40 estudantes de 13 anos por três horas seguidas vai bagunçar a sua rotina? Vai. Você aceitou o convite para discutir “papel x digital” numa feira de escola particular e, chegando lá, ninguém sequer sabia quem era você e os adolescentes insistiram em perguntar se você é “boiolão”? Aceitou. Todavia, eventos de tal natureza literária desimportante são fundamentais para o estabelecimento da sua imagem de disponibilidade para eventos literários desimportantes, uma característica reconhecida entre todos os organizadores de eventos literários desimportantes, sobretudo aqueles com orçamento para tudo, menos para o pagamento de escritores — divulgar é preciso, pagar as contas é verbo intransitivo direto. Entendeu? O aluno desatento de hoje pode ser o seu leitor de amanhã. Se ele não preferir o *Overwatch* ou asfixia autoerótica. (Escreva um conto sobre o aluno que se prestou à asfixia autoerótica durante *Overwatch* para “trazer a literatura para sala de aula” ou alguma merda assim.)

9 Assine periódicos literários pobres, ou seja, todos eles

Assine, no mínimo, três periódicos literários, principalmente aqueles cujo *publishers* editam e ainda cuidam do financeiro, dos gatos da casa e de algum negócio ilícito que dê poucos anos de cadeia. Ao estabelecer proximidade financeira com tais veículos, você pode, pouco tempo depois, submeter textos para análise ou encaminhar releases com a convicção de que será lembrado com mais *carinho*. Avise se ganhar prêmios ou se vender um livro para uma pessoa que não pertença a seu círculo de amigos. A venda efetuada pelo seu site pessoal também deve ser exaltada publicamente, sobretudo se não for golpe. Evite enviar contribuições para análise no mesmo e-mail do comprovante de pagamento. Faça isso apenas na renovação do vínculo. P.S.: Não vale assinar periódico sobre livros, pois aí você é obrigado a jogar com gente um pouco mais inteligente que você.

10 Cultive inimigos desimportantes

Uma das lógicas mais importantes do meio literário é ter inimizadas com pessoas tão desimportantes quanto você, mas cuidado: não crie inimizadas com pessoas que leem editais. Crie intrigas rasteiras (“não posso ir no Sabugo Records, porque o Niltinho me queimou lá”), boicote o inimigo em curadorias editoriais irrelevantes (“ah, mas a obra dele não para em pé e não merece o Prêmio Pinhão de Ouro”) e diga para algum curador de feira esquecível que você *jamais* integrará tal evento com o Sávio Klopp, mesmo que você sequer faça parte da programação principal, use boina e apenas tenha se escalado para lançar a sua 14.^a antologia, já que iria no evento de qualquer forma (é importante enxergar oportunidades). Evite chutar seu inimigo em eventos públicos, pois você perderá a chance de socá-lo.

11 Tenha um emprego para o caso de falência familiar

Optativo. Em caso de dúvida sobre a necessidade de se tornar escritor, comece por aqui.

12 Não goste de música pop (ou goste muito)

Existem apenas duas categorias de escritor profissional: aquele que detesta música pop enquanto vira uma garrafa de vinho sul-africano (“Não sei nem quem é Anitta — inclusive, não tenho televisão em casa”), com opiniões contundentes sobre a melhor forma de taxar os (outros) ricos, e aquele que gosta muito de música pop e sabe que pode não somente angariar likes, mas também alavancar a carreira de pivô cultural. Afinal, o MC Bokita pode apenas querer transar e ganhar o cachê honesto dele, mas para você a música “No gominho dela” representa o empoderamento racial por meio da desconstrução derridiana a partir do materialismo dialético. Decida seu lado e se mantenha firme a ele.

13 Seja progressista; use permanentemente blazer

A fórmula infalível. Se você é branco e tem cabelo, não hesite: vista aquele belo blazer de quatro dígitos herdado de outro habitante da alta classe média. Se já perdeu os cabelos... bom, você acha que realmente tem lente no óculos do Valter Hugo Mãe? O efeito dessa peça do terno é imediato, sobretudo em lançamentos em livrarias cujo café pode ser mais caro do que um livro. Um progressista sem blazer, afinal, frequenta jograis e corre o risco de usar sandália. Você quer ser confundindo com militante do DCE, com alguém que bebe em copo de plástico ou com quem aparenta regime de banho? Sem blazer, você não escreve *Vidas Secas*, escreve notas de repúdio e comentários raivosos para o Corrupção Brasileira Memes. Inversamente, um blazer sem progressista não escreve *O Retrato de Dorian Gray*, escreve fichas de RH e a ata da sessão plenária do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia. Exale respeito e vista-se para o emprego dos sonhos: preguiçoso com validação social.

14 Transe pouco ou simplesmente não transe

Um dos requisitos mais importantes para o sucesso no meio literário. Resgare seu corpo e sua mente para atividades mais exigentes, como comentar as postagens de amigos que estão lançando livros e defender publicamente aquele editor nitidamente desorganizado, mas que o publica, mesmo sendo o arquivo errado e não a *solidao_do_heroi_final_17.jpeg*. Transar com pessoas, principalmente do meio literário, dará a impressão de que você tem alguma vida social fora da vida literária, o que pode ser ruim para a sua imagem. Lembre-se: você deseja que a sua obra seja lida depois da sua morte, e isso tem custo (além de resenhar ou prefaciando livros meia-boca de amigos). Pior: mesmo que você transe usando argumentos pouco racionais como “chupar um bico de peito bem durinho é melhor do que toda a obra de Hemingway”, seus amigos não acreditarão que você transa ou que você leu Hemingway. Lembre-se: a literatura é soberana.

15 Doe seus livros/envie seus livros

A Biblioteca de Pirapuru de Dentro está com problemas de infiltração e o único funcionário do recinto é a Dona Odete, que tem osteoporose e odeia crianças por causa do barulho e por a chamarem de “manquitola”? A última grande catalogação da Biblioteca de Santa Cerva do Norte foi feita pelo setor de prevenção a insetos da Secretaria de Agricultura local? Tudo isso é desimportante para você, que talvez tenha aprendido a não encomendar uma tiragem de mil exemplares do seu *debut* na poesia com aquela editora que, a bem da verdade, todo mundo sabe que é uma gráfica. Não deixe de distribuir seus livros para as bibliotecas públicas locais e faça bons *stories* no Instagram. Leve sua literatura ao povo: é importante que o seu público perceba que você, um altruísta, tem consciência.

16 Escreva fanfics no Facebook

É o melhor que você pode fazer com suas habilidades de merda, sua vida triste e seu repertório de farrapos. Enxergue tardiamente que você não é 10% do que seus pais foram. Lamente não ter dito isso a eles enquanto havia tempo. Aprenda algo pela primeira vez desde a infância. Escreva seu primeiro conto capaz de superar as descrições tardias de melancolia, cigarro e bebida barata, lixos que você escreveu por décadas. Mate-se com asfixia autoerótica.

17 Saiba que você é especial

É isso.

Rutendo Tavengerwei

Trecho de *Esperança para voar* (trad. Carolina Kuhn Facchin). São Paulo: Kapulana, 2018.

O sinal tocou, marcando o final do primeiro período de atividades do dia. Hora do almoço! Os alunos se apressaram até o refeitório, que ficava a uma curta distância.

– Você acha que pode fazer isso sozinha? – perguntou Tanyaradzwa.

Shamiso a ignorou completamente. Tanyaradzwa deu de ombros.

– Você que sabe – arrumou as alças da mochila antes de sair da sala.

Shamiso esperou até que Tanyaradzwa saísse da sala e seguiu a multidão, andando pela alameda larga e cheia de jacarandás e árvores de goma balançando contentes nas calçadas. Ela inspirou o cheiro forte. Um caroço se formou em sua garganta. O pai sempre falava do antigo festival, quando os jacarandás comemoravam

o nascimento de novembro. Isso acontecia há tempos, depois da guerra de libertação, quando o pai era só um menino crescendo na vila junto com um patriotismo e um

zelo estrondoso para servir sua Nação recém-nascida. Quando o país tinha passado de Rodésia para Zimbábue.

O pai contava histórias sobre a guerra, a “luta de guerrilha”.

Contava sobre como o país tinha sido reconquistado pelos revolucionários, saindo das mãos dos colonialistas.

Contava sobre como queria ter participado, lutado pelo país, pela liberdade do seu povo. O problema é que ele era jovem demais na época.

Mas, já mais velho, morando na cidade, tinha tentado servir o país do seu jeito: escrevendo. Ela lembrava do discurso emocionado de um de seus artigos sobre como a luta pela libertação tinha mudado tudo.

A brisa gentil das árvores a acompanhava em seu caminho solitário até o refeitório. Ela secou a testa novamente. Já fazia muito tempo, e ela

era muito nova, mas não lembrava de ser assim, tão quente. Olhou para o céu azul e límpido, tão diferente do céu de Slough, que normalmente era cinzento.

As amigas de lá perguntaram, antes de ela ir embora, se ela ia viver com tigres e elefantes na floresta, como o Tarzan. Ela quase não lembrava da vida no Zimbábue, mas, ainda assim, achou estranho que elas perguntassem isso. Sorriu com a lembrança. Tudo que podia fazer era torcer para que a distância não engolisse as amigas, esgotasse seus esforços e desgastasse todas as memórias.

Ela sentia saudade das amigas de Slough. Especialmente de Mary-Allen e Katlyn. De quando elas se encontravam para fazer nada. Agora

tudo dependia da diferença de fuso-horário, do calendário escolar e de uma conta de telefone alta demais, que ela mal podia pagar. Mesmo assim, era difícil não se sentir magoada pelo fato de elas não fazerem muito esforço,

especialmente porque elas sabiam pelo que ela tinha passado. Mas era por isso que não precisava de amigas. Porque no, fim das contas, de um jeito ou de outro... todo mundo ia embora.

Sua sombra cintilava em frente, uma lembrança de como era solitária. Ela sentiu infinitos olhares incisivos sendo lançados em sua direção e acelerou o passo, ansiosa para chegar ao refeitório. O holofote parecia tê-la selecionado. Todas as risadas e os comentários pareciam direcionadas a ela.

Finalmente chegou ao refeitório. As telhas estavam queimadas pelo calor. O contraste com a cor vibrante das árvores era estranho.

Um jovem estava sentado em um banco antigo na sombra de uma das árvores. Seu macacão estava dobrado, expondo as pernas magras e acinzentadas. Provavelmente, ele

era da fazenda próxima. Um fósforo balançava suavemente no canto da sua boca, cutucado pela língua. Tinha uma lata de água perto dos seus pés. Os olhos dele se moveram na direção de Shamiso. Ela se perguntou se ele tinha regado alguma coisa. O gramado parecia sedento ao sol, desigual e seco.

– Por aqui – disse Tanyaradzwa, indicando que Shamiso a seguisse.

Shamiso a olhou surpresa.

Tanyaradzwa acenou novamente para que Shamiso fosse com ela até uma mesa no meio do refeitório. Cada mesa tinha duas tigelas, cada uma coberta por um prato para proteger seu conteúdo dos insetos. Ao lado das tigelas havia uma pilha com dez pratos, duas conchas e colheres.

Tanyaradzwa sentou na cadeira.

– É sopa de feijão, caso você esteja se perguntando – ela levantou o prato que cobria uma das tigelas. Shamiso franziu o rosto e afastou uma cadeira. A tigela exalava um aroma denso. Tanyaradzwa riu quando notou a expressão de Shamiso.

– Para ser justa, a comida costumava ser muito boa – disse Tanyaradzwa enquanto mexia num prato, colocando-o de volta na mesma posição. – É só que ultimamente... – ela se segurou. – Bom, você vai se acostumar... ou pode fazer a coisa que parece mais sensata: morrer de fome!

Um sorriso escapou dos lábios de Shamiso. Ela o escondeu rapidamente e desviou o olhar. Algo sobre as paredes descascadas a fez pensar na casinha onde havia deixado a mãe, em Rhodesville, um subúrbio com poucos habitantes em Harare. Parecia que nada podia ser feito sobre elas lá também. A mãe tentou, insistindo que a casa deveria parecer um lar. Ela tinha esfregado as paredes até as unhas sangrarem. Mas a tinta era lavável, e elas acabaram descoloridas. Shamiso se perguntou, enquanto estava lá sentada, o que ressentia mais: ficar presa em um internato no meio do nada ou aquelas paredes horríveis do refeitório.

Ela olhou de novo para a tinta descascando. Com certeza, as paredes.

As amigas de lá perguntaram, antes de ela ir embora, se ela ia viver com tigres e elefantes na floresta, como o Tarzan.

Paulo Stucchi

Trecho de *Menina – Mitacuña* (e-book, 2018).

Apresentação

Criada com base em três anos de pesquisa e entrevistas com historiadores paraguaios e brasileiros, além de visitas em campo, a obra tem como premissa episódios da Guerra do Paraguai, conflito que uniu Brasil, Argentina e Uruguai contra o país de Francisco Solano López. Entre esses episódios, estão a Batalha de Acosta Ñu, na qual cerca de 2 mil paraguaios (na maioria, crianças de 10 a 15 anos) morreram ao enfrentar 20 mil soldados aliados.

16 de agosto de 1869 Acosta Ñu

O dia mal raiara e as tropas paraguaias já se enfileiravam à espera do inimigo, que, sabiam, em poucas horas despontaria no horizonte da vasta planície.

A primeira fileira era composta por soldados armados com fuzis e lanças. Muitos deles apresentavam mutilações ou ferimentos ainda envoltos em faixas, o que indicava que, numa batalha campal corpo a corpo, teriam poucas chances.

Comentava-se que os feridos foram obrigados a se unir aos homens sadios na linha de confronto. Não havia mais alternativas, já que escasseavam os homens em condições de serem alistados e servirem ao exército de *El Mariscal*.

A segunda fileira era formada por soldados mais jovens, a maioria com menos de dezesseis anos. Usavam uniformes velhos, com manchas de sangue e buracos de bala. Alguns, mais franzinos, mal cabiam nas vestimentas, sendo necessário dobrar mangas e barras da calça.

Imediatamente atrás, estavam as crianças ainda mais jovens. Algumas incapazes até de sustentar um fuzil nas mãos. Para estas, foram providenciadas armas em madeira e lanças improvisadas com galhos secos.

A última fileira era formada por canhoneiros e homens da cavalaria,

Um cordão formado por uma dezena de homens mal-encarados impedia que as mulheres se aproximassem dos garotos. Elas nada podiam fazer senão ajoelhar e rezar diante daquilo cujo resultado era certo: seria um massacre.

María não cansava de procurar por Pedrito entre os soldados de uniforme vermelho. Mesmo que fosse impossível localizá-lo ou, ainda, identificá-lo, a menina buscava incansavelmente pelo irmão mais velho entre as fileiras de homens.

O general Bernardino Caballero caminhou em meio às tropas como se passasse os homens em revista. Tinha as mãos presas às costas e caminhava como se bailasse. Mordiscava os lábios, ora olhando para a ponta das botas, ora fitando o horizonte.

— *No es necesario decir que tenemos aquí a unos cinco o seis mil valientes soldados que esperan el ataque contra el enemigo en un número mucho mayor que la invasión de nuestra tierra. Sin embargo, también es necesario recordar la valentía del soldado Paraguayo. La valentía de todos los hombres de esta tierra que están dispuestos a morir antes de entregar nuestro país a los vecinos gigantes que se ven a nosotros como buitres.*

Poucos soldados se entreolharam. A maioria permaneceu imóvel, olhando adiante, para o nada. Não encaravam o general, tampouco olhavam para aqueles que estavam ao seu lado.

— *La estrategia que utilizamos es muy simple y eficaz cuando se lucha contra un enemigo muy superior en número. Deja un combate frontal con un total de tres líneas, las dos primeras se forman por nuestra artillería, y el tercero por nuestra caballería. Justo detrás, los artilleros traseros nos dará. Atraer a los enemigos para Juquerí por debajo de donde se ubicará sobre una docena de algunas de nuestras cañones. Los enemigos de los hombres que no entran en el bajo en el primer enfrentamiento, muere al verse inmerso en la emboscada. Jóvenes soldados con antorchas se disparará la hierba seca, haciendo que el humo de servir como un escudo y por lo tanto podemos ahorrar tiempo para contraatacar.*

Caballero secou os lábios com as pontas dos dedos. Parecia procurar pelas palavras corretas a serem usadas,

sobretudo quando se lançam milhares de soldados a um ataque suicida.

— *No mientas a vosotros. Será una dura batalla. Pero tenemos a nuestro favor el espíritu guerrero de nuestro pueblo. Y nuestros amigos, padres, hermanos, hijos, primos que murieron en esta guerra, que cayeron en Piribebuy, Curupaití, Avaí, Lomas Valentinas, Humaitá y Asunción... Aquellos que miran por nosotros.*

Um oficial de pele bem escura e fortes traços indígenas aproximou-se do general Bernardino Caballero e disse em guarani, quase sussurrando ao seu ouvido, que tudo estava pronto. Era só aguardar pelo inimigo.

— *¡Excelente!* — respondeu o general, em espanhol. — *Y que Dios se apiade de nuestras almas* — finalizou, olhando para a fileira de jovens que aguardava um gesto seu para atacar.

•••

Ao longe, o tenente Afrânio de Leiria avistou com o monóculo uma fileira de soldados paraguaios se estendendo pelo horizonte. Ao seu lado, todos montados em cavalos, estava o conde Luís Filipe Maria Fernando Gastão de Orléans, o conde d’Eu, e seus demais oficiais de guerra. Atrás deles, pelotões de centenas de soldados portando armas e mastros com a bandeira do Império Brasileiro aguardavam.

Todos olhavam para o jovem tenente paulista à espera de algum comentário.

— E então, *lieutenant*? Novidades do *front*?

Tenente Afrânio disse cautelosamente:

— Há uma fileira de soldados para além do rio, Excelência. Impossível precisar em quantos estão, mas prevejo algo em torno de mil a dois mil homens, senhor.

Conde d’Eu esboçou um sorriso triunfante.

— *Bon. Très bon!* — disse, colocando-se à frente das tropas. — Oficiais, preparem os homens. Vamos atacar. Agora!

A movimentação entre as tropas se generalizou num frenesi. Cavalos relinchando e canhões postos em movimento. A primeira fileira de cavaleiros pôs-se em marcha, seguida pela segunda, formada por homens

com *miniés* e lanças.

— Pela honra do Império do Brasil — bradou o conde. — Pela honra de vosso Imperador, Dom Pedro II, partiremos para derrubar a última linha de resistência que nos separa de Solano López e, assim, do fim desta guerra maldita! Avante homens!

Vários gritos estimulando as tropas a avançar foram ouvidos. Eram aproximadamente oito e meia da manhã, quando tropas imperiais cruzavam a planície de Acosta Ñu em direção à coluna paraguaia, que, da mesma forma, lançou destacamentos contra os homens do exército.

Minutos depois, o campo de Acosta Ñu era tingido de sangue.

Robert Massin (apres. Gustavo Piqueira)

Páginas de *A Cantora Careca* (Lote 42, 2018)

Em 1964, o artista gráfico francês Robert Massin publicou sua radical versão gráfica de *La Cantatrice Chauve* — *A Cantora Careca* —, célebre peça do dramaturgo romeno Eugène Ionesco.

Um amálgama de senso histórico com cultura popular, limitações técnicas com inventividade e, principalmente, imagem com texto: na obra, cada personagem tem seu próprio rosto — o rosto do ator que o interpreta — e sua própria voz — o desenho da fonte tipográfica que imprime suas falas. Mas qual é mesmo

a função de cada linguagem? Com elegância e sutileza, Massin borra as fronteiras com as quais nos habituamos a dividi-las e, embaralhando papéis, misturando recursos e linguagens diversas — foto, tipografia e design da página; cinema e quadrinhos —, cria uma obra pra lá de original.

Vertida para o inglês em edições norte-americana (*The Bald Soprano*, Grove Press, 1965) e britânica (*The Bald Prima Donna*, Calder and Boyars, 1966), ela tem pela primeira vez algumas de suas páginas traduzidas para o português.



Oh!



É curvado Eu me aproximei para ver o que ele estava fazendo
E então?
Ele estava amarrando o cordão do sapato que havia desamarrado



fantástico!

Se não fosse a senhora que dissesse não acreditaria



Por que não?
A gente vê coisas mais extraordinárias ainda quando anda por aí
Eu mesmo vi hoje no metrô sentado num banco um senhor que lia tranquilamente o jornal

Que original!



Talvez fosse o mesmo!

imenseiro

Thássio Ferreira

era um imensoiro tão largo
 parecia não tinha lados
 e era como se o espaço
 descompressado, dilatado
 não ocupasse todo o espaço
 tonteando, estabanado
 em voo sem direção
 pelos vácuos do mudo arco
 da amplidão.
 o horizonte sorriu um sol.
 o horizonte pariu um sol
 e a ardência dessa parturição
 — como ardem todas as nascenças —
 reverberou na pele do que se via
 — em sol maior na minha —
 e tudo que existia
 naquele instante azulado
 fez-se ventre do dia.
 tudo se molhou de sol.
 a luz sossegou os instantes
 que de passarinhos saltitantes
 agitados
 passaram a bois mansos
 de calmos movimentos lentos...
 a manhã que nascera
 com a mesma violência
 — necessária e exata —
 da fêmea louva-a-deus
 a devorar seu amante
 uma vez fecundada
 essa manhã, devorado o breu
 derretia suas garras
 dissolvia suas facas
 de luz
 em mornidão
 e tudo silenciava.
 não se via vento
 não se ouvia um cheiro
 nenhum sentimento
 fora do eixo
 se movia.
 não havia nada
 fora de lugar
 nenhuma fôrpa
 no imensoiro.
 tudo calma
 e comunhão.
 ali, por um triz
 — o tempo parado —
 fui feliz.



A **cor e a textura de uma folha em branco** é o livro de contos de Carlos Pessoa Rosa, premiado pela UBE/CEPE, em 1998. O autor é médico-escritor, poeta, contista, ensaísta, considerado entre os 20 melhores contistas pela Rádio Francesa Internacional. Publicou também "Sobre o nome dado", "Histórias que o povo conta, mas de seu jeito de contar" pelo Coletivo Dulcinea Catadora, de São Paulo, e "Una Casa Bien Abierta", texto infantil, pela pequeno editor, de Buenos Aires. Tem trabalhos publicados em várias revistas literárias e coletâneas.

Para adquirir o livro: www.amazon.com

O SERTÃO ESTÁ EM TODA



PANTIM

✉ pantimcoletivo@gmail.com @pantimcoletivo
 YouTube Pantim Coletivo Salvador, Bahia



Hans Ulrich Gumbrecht encontra Alexandre Guarnieri: as casas de presença

Daniel Zanella

1. Neste ensaio com aspecto de maçã de refeitório acadêmico, defenderei que os esportes, sobretudo a prática de ir a um estádio de futebol, se configuram em significativa cerimônia religiosa coletiva contemporânea. Praticarei o que se convencionou chamar de *risky thinking* (pensamento arriscado), ou seja, cometeria leviandades, tentarei desorganizar o mundo ao redor de novas perguntas e possivelmente não me atentarei à premissa geral do texto. Parto de ideografias do pensador alemão Hans Ulrich Gumbrecht (1948), desenvolvidas em *Produção de Presença* (2010) e principalmente em *Nosso Amplo Presente* (2015).

Pretendo, paralelamente, especular como a elaboração literária do poeta brasileiro Alexandre Guarnieri (1974) vai ao encontro da experiência de presencialidade de Gumbrecht e como, no sentido de aproximar o corpo literal das coisas do volume poético, o autor consegue aplicar uma *mecânica* de presença. Para tal itinerário, trarei trechos e considerações sobre os dois melhores livros de Guarnieri: *A Casa das Máquinas* (2011) e *Corpo de Festim* (2014), dando prioridade a este último, que refina o estilo da primeira obra.

2. A tarde de 16 de setembro de 2016 foi de coração em palimpsesto — raspa de outros sofrimentos. Eram 15 horas quando cheguei ao estranho complexo da Arena da Baixada, em Curitiba, para trabalhar na cobertura de Atlético Paranaense x São Paulo, válido pela 26ª rodada do Campeonato Brasileiro. Ao chegar na cabine de imprensa para começar a contar o jogo para os leitores de um ex-impresso local, logo me ajeitei na larga mesa branca e comecei a observar o movimento do público, que, aos poucos, ia preenchendo os espaços vagos atrás dos gols e iniciando sua massa de ritos, com cânticos de apoio, vaias ao oponente e informes no megafone do estádio — como um assessor de Deus se dirigindo aos cativos.

São-paulino, sabia que, em 15 jogos anteriores, o Tricolor do Morumbi nunca havia vencido no novo estádio atleticano, um espaço que, vazio, lembra uma gigantesca exposição de ossos, e cheio se assemelha ao que imagino ser a experiência de povoamento dentro de um imenso buraco provocado por um meteoro. Mas eu estava lá enquanto *raciocínio*, de modo cartesiano, portanto, cabia-me a narrativa positivista do Jornalismo, a lucidez, a *tradução do*

real. Torcer descaradamente, ali, seria traição de ofício, impertinência, assim como estar na arquibancada, em estágio de *torcedor real*, ao lado de um torcedor-racional, desses que decoram estatísticas, é equivalente a uma experiência de quase-morte. Em suma, performei ser jornalista por quatro horas e encontrei um amigo jornalista (atleticano) que soube, no intervalo do jogo, que sou são-paulino.

3. Em *Nosso Amplo Presente – O tempo e a cultura contemporânea* (UNESP, 2015), Hans Ulrich Gumbrecht apresenta fabulários que envolvem as agruras da vida no século 21, sobretudo a nossa relação com as tecnologias e com o corpo — aliás, uma fixação de seu projeto intelectual. “*Nas quatro décadas que já levo de pesquisa e escrita, a minha única ideia (que, espero, terá tido algum impacto) toma a forma de uma teimosa insistência em que as coisas-do-mundo, seja qual for o modo do nosso encontro com elas, possuem uma dimensão de presença. [...] Por ‘presença’ pretendi dizer — e ainda pretendo — que as coisas estão a uma distância de ou em proximidade aos nossos corpos; quer nos ‘toquem’ diretamente ou não, tem uma substância*”

(GUMBRECHT, 2015, p. 9).

De fato, o programa de Gumbrecht em *Amplo Presente* parte de *Produção de Presença*, publicado pela primeira vez na Alemanha, em 2004. No Brasil, saiu pela PUC-Rio, em 2010. Ao escrever, Gumbrecht gosta de conversar, de desestabilizar as convenções acadêmicas, o que gera dois efeitos: 1) Quando menos esperamos, estamos dentro de uma interessante linha de chegada a partir de um contexto difuso; 2) Às vezes, é apenas conversa mesmo. Neste panorama de início de briga, é preciso situar o alemão e o seu campo de peleja: esquecemos do corpo ao dar prioridade, no mundo das ideias, às coisas do espírito. E esta excessiva metafísica espiritual nos levou à *perda do mundo*, da experiência de sentir o mundo de modo palpável.

Alega o autor que as coisas ocupam espaço, são tangíveis aos nossos corpos e não são apreensíveis, exclusiva e necessariamente, por uma relação de sentido. Como exemplo de experiência física e sensitiva, podemos trazer as oito pedaladas de Robinho diante de seu marcador estupefato na final do Campeonato Brasileiro, em 15 de dezembro de 2002 — uma ocorrência

singular que Gumbrecht define como de um esportista *perdido na intensidade focalizada*.

“*Em primeiro lugar, a expressão perder-se indica um isolamento peculiar e uma distância dos eventos atléticos em relação ao mundo do dia a dia e suas buscas [...]. Em segundo lugar, aquilo que os atletas e os espectadores ‘focalizam’ — como alguma coisa que já está presente, ou algo por vir — pertence ao reino das epifanias, ou seja, aos eventos da aparência, mais precisamente aos eventos da aparência que mostram corpos em movimento como formas temporalizadas. Por fim, tanto a experiência quanto a expectativa de epifania vêm acompanhadas de — e ainda realçam — halos de intensidade, isto é, de estados de um grau quantitativamente mais elevado de consciência de nossas emoções e de nosso corpo*” (GUMBRECHT, 2015, p. 79).

Ou seja, *perder-se na intensidade focalizada* é uma operação de reencantamento — não se trata apenas de vencer, mas da proporção de felicidade e da beleza interna do processo de vencer, de *acreditar*. Mesmo que vivamos em uma lógica resultadista, ainda mais se considerarmos que os melhores jogadores do futebol nacional jogam regularmente em ligas estrangeiras, ainda estamos na busca do arrebatamento.

Aliás, é perceptível em equipes com larga invencibilidade um certo estágio de *flow*, de elevação, de segurança rítmica instintiva. Por outro lado, é muito comum que times em má fase apelem para rituais de exorcismo,

como jogar sal em campo, para afastar a *zica*. Também são inúmeros os acontecimentos de atletas que produziram muito em uma temporada e nunca mais repetiram seus estágios de *flow*. “*A presença e a crescente importância dos*

esportes nos dias de hoje ocupam o lugar de alguma coisa — e deveriam mesmo estar no lugar de alguma coisa — que perdemos” (GUMBRECHT, 2015, p. 79-80).

Gumbrecht realiza este percurso de perda trazendo o ideário dos atletas gregos da Antiguidade, considerados semideuses — as vitórias eram

reconhecidas como eventos da presença divina. Naturalmente, hoje partimos da cientificidade, da preparação física, do estabelecimento de metas de desempenho, dos estudos tecnológicos para aprimorar a prática esportiva. Infelizmente, o alemão não avança muito em especificidades ou no que seria uma bela jogada (ou mesmo o conceito de beleza dentro de um universo de repetições) e dá pouco espaço para os ritos internos das práticas esportivas — os elementos emocionais, os enredos heroicos de superação, o dízimo público que atletas pagam pela exposição ou pela falta de performance.

4. Podemos deduzir, sob o risco da imprudência, que *Produção de Presença* é o livro que fará Gumbrecht ser lido para depois do depois. É um livro de embates, de questionamento de discursos e de formatos acadêmicos — o que, em si, já vale o livro. “*A palavra ‘presença’ não se refere (pelo menos, não principalmente) a uma relação temporal. Antes, refere-se a uma relação espacial com o mundo e seus objetos. Uma coisa ‘presente’ deve ser tangível por mãos humanas — o que implica, inversamente, que pode ter impacto imediato em corpos humanos*” (GUMBRECHT, 2010, p. 13). Nesta obra, temos a avaliação da matéria dos fenômenos, via percepção da matéria, do modo como as coisas afetam nossos sentidos. A presença como “a relação espacial com o mundo e os seus objetos”. A obra também traça os primeiros indícios sobre o esporte como presença.

“*Em um nível mais abrangente, talvez eu devesse acrescentar que o desejo de presença e de ‘coisidade’, que pretendo enaltecer, não é sinônimo de um desejo de “possuir” ou sequer de ‘agarrar’ essas coisas. Quero insistir, ao contrário, naquilo que pode*

ser recuperado por meio de uma simples reconexão com as coisas do mundo — e ser sensível aos modos como o meu corpo se relaciona com uma paisagem (quando faço caminhadas, por exemplo) ou à presença de outros corpos (quando estou dançando) com certeza não equivale ao desejo de possuir propriedades ou a devaneios de dominação

E o que é torcer para um clube, sobretudo de menor expressão, senão a experiência semanal de revisitar dores cativas?

sexual” (GUMBRECHT, 2010, p. 177). Substância, materialidade e confronto.

5. Em *Corpo de Festim* (Editora Penalux, 2016), Alexandre Guarnieri assume um daqueles riscos poéticos que apenas poetas (ou pensadores) muito cômicos de suas virtudes estéticas deveriam realizar: escrever sobre uma coisa só. Aqui, a obsessão, o monotema, é o corpo, a materialidade do corpo, a sonoridade que surge do osso, a forma como a nossa máquina física orbita ao redor de nossos sentidos.

sangue | suor / e celulose (ii)

o sal que cada talho encontra, arde, demora a curar a chaga criada por cada frase exata / todo golpe, pancada, cada agressão que se aplique, fulgor, alarido de sílabas, busca sobrepujar no parágrafo o que tinha ou apenas preencha a claridade da página, que seu terreno, até então anêmico, esteja repleto / são números e letras de chumbo o suor de sua pele impressa. (GUARNIERI, 2016, p. 19)

Como se o corpo fosse uma engrenagem para o constructo literário, ou um médico calejado diante do parto de uma mãe de primeiro filho, Guarnieri expõe as nossas vísceras sem aparente encantamento pelo processo. O autor aproxima nossos órgãos de um projeto poético de solidão, de ser-em-si, com uma tessitura quase bizarra. De seu arcabouço de vísceras, recebemos a tradução do vazio silencioso das engrenagens do corpo em funcionamento.

de pele é revestido o corpo, tecido vivo \ no livro, chama-se capa (o couro sob o título) \ abri-lo se é branco o ruído da celulose, — tão silenciosa? todo livro fechado se cala \ cada nova leitura o amplia. (GUARNIERI, 2016, p. 22)

Maurice Blanchot, em *O Espaço Literário*, lembra que escrever é entrar na afirmação da solidão onde o fascínio ameaça. É correr o risco da ausência de tempo, onde reina o eterno recomeço (BLANCHOT, 1987, p. 24) [E o que

é torcer para um clube, sobretudo de menor expressão, senão a experiência semanal de revisitar dores cativas? Se todo colecionador é um sujeito que se repete em busca da ordenação final do mundo, o torcedor de time pequeno coleciona o amor à frustração].

A engenharia particular de Guarnieri não se encontra apenas em conseguir transformar entranhas em literatura — porque, se o exercício ficasse rasteiro, ainda assim seria literatura. O mérito todo está em utilizar a forma (o excesso de símbolos gráficos ao redor, como um ciclo de células ou de proteção de imunidade) para dizer que o ritmo vem de dentro — assim como a materialidade de um jornal impresso é apenas uma etapa do que é um jornal impresso. Mesmo impresso, o jornal existe antes como ideia, como procedimento. A materialidade é apenas uma característica.

(/no filtro: (o baço), (os rins), (o fígado)/)

1.
o filtro imbrica baço, rins (integrados) no fígado definitivo (todos, na íntegra, definidos) / discrimina impurezas ao limbo, metaboliza líquido e película, nega, entrega e delega a certas partículas e células os abismos da urina que instiga e destila / mesmo ágeis (destarte, o que decantam é descarte), os rins retroagem, ainda que, nesse ínterim (período restritivo), limpem / este filtro (intrínseco), retraído e tímido, (no fígado) quanto menos decidido (seria o vírus? icterícia?), quando vítima da hepatite: (grita) adoce sua usina, absorve o ódio, a raiva, toda a intriga; (GUARNIERI, 2016, p. 36)

Partindo de que “*no corpo / há tão pouco espaço / entre um osso e outro*”, temos a impressão, a materialidade da superfície, de que estamos num exame racionalista, assim como o comentarista de esquema tático acredita que apreende o todo a partir de seus mapas de calor.

É nítido que interessa a Guarnieri observar os procedimentos por dentro do conceito. Vemos o plano dessa mecânica do corpo, o que cada aspecto interno apresenta de humano, de

religare, de místico, de “centelha presa ao medo da morte”. No uso bruto do cientificismo, o autor apresenta a sua própria fenomenologia íntima.

6. Atlético Paranaense 1 x 0 São Paulo foi um jogo sofrível, angustiante naquilo que a angústia carrega de constrangimento. Descartando a hipótese de que o único gol da partida pode ter sido uma intervenção violenta da bola, forçando, a

contragosto, o atacante Pablo a empurrá-la para dentro do território de gol, o que se apresentou foi um estudo (ou rascunho) de ocupação de espaços, de vencimentos pela imposição da casa.

A Arena da Baixada, por sua proximidade entre torcida e campo e por seu tapete sintético, ainda mais quando se fecha por cima em dias de chuva — e foi um dia de chuva — cria uma sensação negativa de exotismo. E, para um jogador de futebol, exotismo é a falta de um treinador-pai colocando um cobertor quentinho antes de ele dormir. A Arena rouba dos adversários o estatuto de lugar sagrado. De coração cansado, escutei e transcrevi a entrevista coletiva do técnico paulista, posterior ao jogo, lamentando a falta de posse de bola. As dimensões psicológicas sempre ficam no vestiário.

Gumbrecht recorda que, mesmo em jogos ruins, estamos na expectativa da fruição, da elevação, do sublime. “E pode não ser por acaso que os estádios construídos para eventos de esportes de equipe sejam utilizados hoje para eventos religiosos de grandes multidões” (GUMBRECHT, 2015, p. 85). Importante ainda considerar que, arquitetonicamente, estádios não são funcionais. Um estádio, por excelência, rouba quarteirões, impede a construção vertical e permanece a maior parte do tempo desabitado, quase como uma catedral submersa. Novamente, estamos diante do vazio prévio para a ocupação plena em dias de jogo: experiência religiosa.

Salutar, no processo de transcendência pelo esporte, não

esquecermos a dimensão de sacrifício do corpo atlético, “(para aplacar a vontade (inútil?) de habitar um corpo / (desde o útero) todo esforço é doloroso /

experimentá-lo / aos poucos (lança-lo ao mar e ao mundo / primeiro / na praia / no raso) como qualquer operário aprenderia / um novo trabalho / em treinos práticos” (GUARNIERI, 2016, p. 9).

O suplício cotidiano pelo qual passa qualquer

atleta profissional, isso de submeter o corpo a um ritual de desempenho para momentos futuros de elevação, seja o zagueiro ao desconsagrar um gol em cima da linha ou um volante ao desarmar um articulista e preparar o contra-ataque, desestabiliza a noção de inspiração. “Se fosse necessário insistir sobre o que um tal momento parece anunciar de inspiração, teria que se dizer: ele vincula a inspiração ao desejo” (BLANCHOT, 1987, p. 175).

E o que é o desejo esportivo? A vitória? A performance? O redesenho do limite? Em suas memórias sobre a sua relação com o tempo, capítulo presente em *Depois de 45 – latência como origem do presente* (UNESP, 2014), Gumbrecht relembra que cresceu na certeza de que algum dia alguma coisa crucial se tornaria clara: “viver na certeza de uma presença que não tem identidade é viver num estado de latência” (p. 263), num estado de elaboração. Este estágio pode ser transposto no futebol como o treinamento, como o pão nosso de cada dia; o futebol é a eucaristia. E todos sabemos que, mesmo com todas as possibilidades de acompanhar uma partida de futebol, ir ao estádio corresponde ao prazer máximo da presença.

“Uma bela jogada de futebol americano ou de beisebol, de futebol ou de hóquei, aquele elemento sobre o qual todos os torcedores mais experimentados estão de acordo, independentemente da vitória ou da derrota da sua equipe, é a epifania de uma forma complexa e incorporada. Assim como uma epifania, uma bela jogada é sempre um evento: jamais podemos prever se surgirá, ou quando; se surgir, não saberemos como será

(mesmo se, retrospectivamente, formos capazes de descobrir semelhanças com outras belas jogadas que tivermos visto antes); desfaz-se, literalmente, à medida que surge. Não há fotografia que consiga captar uma bela jogada” (GUMBRECHT, 2010, p. 143).

7. Um pouco antes, em *Casa das máquinas* (Editora da Palavra, 2011), Alexandre Guarnieri já entregava um itinerário similar, uma infantaria mecânica cujo eixo principal era a anatomia das máquinas — ele configura, a certa altura, a expressão “perímetro de papel” para significar o conceito pessoal de página em branco (“página ainda crua”). E segue a investigação conceitual.

bitolas

largura reguladora passível de ajuste, algo de acoplagem na tão buscada compatibilidade dos calibres, que, por ocasião de um encontro entre os tubos de um oleoduto, à eficácia da blindagem análoga à do crustáceo, protege a pérola que se pretende ilesa e inacessível quando a geléia negra passa abraçada por suas chapas de carapaça (petróleo no miolo, pastoso), nas argolas cuja bitola, por pressão, progressivamente engorda, requerendo o cálculo renovado para a última das medidas, distendida, para decidir o tamanho adequado a cada segmento atracado a toda compostura aparente de uma única linha de escoamento. entretanto, qualquer encontro entre diâmetros estranhos entre si reclama as bitolas equânimes, sem as quais, nunca se ajustariam (daí o milagre da hidráulica) as mais variadas alturas, de inúmeras embocaduras, ora tão absolutas na coligação. (GUARNIERI, 2011, p. 50)

Se pensarmos pela lógica de Blanchot, no capítulo A armadilha da noite, de que “A primeira noite é ainda uma construção do dia. É o dia que faz a noite, que se edifica na noite: a noite só fala do dia, é o seu pressentimento, é a sua reserva e profundidade” (BLANCHOT, 1987, p. 167), a pulsão primeira que move Guarnieri é o corpo das coisas. Assim, em sua escrita perpassa a vida, os ossos, a natureza das máquinas, os espaços-dispositivos: “cinco cilindros, / inchados sob o perigo dum / líquido

desconhecido: água / trancada, óleo, um visgo, / o cloro fluido, inóspito, ou / qualquer produto químico; / mínimos” (GUARNIERI, 2011, p. 20).

8. Hans Hulrich Gumbrecht e Alexandre Guarnieri são correlatos na materialidade. Interessa para ambos as implicações que as coisas têm, e cada qual opera com a sua disciplina — Gumbrecht como pesquisador/explorador/prosador, Guarnieri como articulador em busca de sínteses.

“A gratidão por grandes momentos atléticos se transforma em gratidão por aquelas coisas que aprovamos, de que gostamos e que apreciamos em nosso cotidiano” (GUMBRECHT, 2014, p. 91). O autor insiste que devemos lutar contra a tendência da cultura contemporânea de abandonar, e até esquecer, a possibilidade de uma relação com o mundo fundada na presença. Acredito também ser o caso de pensarmos a falta de leveza para reconhecer nossos limites conceituais e como determinados temas, incluindo o futebol, são escanteados (perdão) por aquilo que carregam de *popularesco*, de chão.

É perceptível também como a linguagem literária abrange melhor com o presente — a literatura como arte da linguagem e catalisadora de sentidos. Em Guarnieri, ela gera novas tensões, para um mundo problemático em suas relações de presença e repleto de ruídos entre o corpo, a vida e a tecnologia.

Referências

- BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Rocco, Rio de Janeiro, 1987.
- GUARNIERI, Alexandre. *Casa das Máquinas*. Editora da Palavra, Rio de Janeiro, 2011.
- _____. *Corpo de festim*. Penalux, Guaratinguetá, 2015.
- GUMBRECHT, Hans Hulrich. *Depois de 1985: latência como origem do presente*. Editora Unesp, São paulo, 2014.
- _____. *Nosso amplo presente: o tempo e a cultura contemporânea*. Editora Unesp, São Paulo, 2015.
- _____. *Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir*. Editora PUC-RIO, Rio de Janeiro, 2010.

O ódio de Claude McKay

Felipe Melhado

Virou um lugar-comum dizer que o nosso problema, hoje, é o excesso de ódio. Mas maldizer esse afeto é quase sempre uma hipocrisia — quem censura um “discurso de ódio” nunca consegue esconder muito bem seu próprio ódio na direção contrária. Talvez então o ódio, essa emoção que pode ser tão honesta e revolucionária, não seja exatamente o problema. Outras questões deveriam se impor: o que se odeia? Quem pode e quem não pode odiar? Quando um ódio é libertador e quando, ao contrário, é opressor?

A história — literária inclusive — é repleta de criadores que podem ajudar a repensar o ódio, esse afeto tão estridente atualmente. Claude McKay é um deles. Nascido em 1889 na Jamaica, durante toda sua vida ele foi um outsider indomesticável, um coração solitário em desajuste radical com o mundo. Muito jovem, rejeitou a glória literária que a Jamaica queria lhe dar e partiu para Nova York.

No início dos anos 1920, inaugurou a vertente literária de um importante movimento artístico norte-americano: a Renascença do Harlem. Ligou-se aos movimentos de libertação negra e, por um tempo, foi considerado uma de suas vozes mais bélicas. Praticamente extraditado, McKay foi viver como jornalista na Inglaterra e ligou-se aos comunistas. Visitou a União Soviética,

viu de perto a ascensão de Stálin e se rebelou mais uma vez, deixando o Partido e maldizendo todo desejo socialista de poder. Um pouco depois, escreveu romances que desagradaram a intelectualidade negra norte-americana e foi rechaçado. Com esses dissensos, perdeu o pouco de espaço que tinha conquistado e ficou relativamente esquecido.

Uma de suas criações mais potentes é o livro de poemas *Harlem Shadows*, publicado em 1922. Lançando rimas em uma forma romântica, já considerada bem ultrapassada naquele momento, seus poemas falavam sobre a negritude, as saudades incuráveis de uma Jamaica ou de uma África utópica, a experiência da imigração e sobre a vida nova-iorquina diurna e noturna. Mas principalmente sobre o ódio. O imenso ódio que a América branca dirigia aos negros. É um livro também sobre o ódio que ele cultivava em seu coração — seu fluido vital, um sentimento fundamental, essencial, que o constituía. Uma emoção desejada, combustível para resistir aos poderes que conspiravam contra suas origens, seus sentimentos, seu modo de vida, sua liberdade.

Inacreditavelmente inédito no Brasil, Claude McKay será publicado pela Grafatório Edições, editora independente de Londrina (PR), ainda em 2018. Os poemas a seguir são uma pequena mostra do livro que está para sair.

America

Claude McKay

Although she feeds me bread of bitterness,
And sinks into my throat her tiger's tooth,
Stealing my breath of life, I will confess
I love this cultured hell that tests my youth!
Her vigor flows like tides into my blood,
Giving me strength erect against her hate.
Her bigness sweeps my being like a flood.
Yet as a rebel fronts a king in state,
I stand within her walls with not a shred
Of terror, malice, not a word of jeer.
Darkly I gaze into the days ahead,
And see her might and granite wonders there,
Beneath the touch of Time's unerring hand,
Like priceless treasures sinking in the sand.

América

Trad. Felipe Melhado e Gabriel Daher

Embora ela me dê o pão que o diabo amassou
E enterre em minha garganta seus dentes de tigresa
Furtando meu sopro de vida, eu confesso que sou
Um amante desse inferno que testa minha beleza!
Seu vigor flui pelo meu sangue como uma vaga,
E me dá forças para enfrentar o seu furor.
Como uma enchente, sua grandeza me naufraga.
Mas feito um rebelde contra um imperador,
Eu permaneço entre seus muros sem dar pistas
De terror, malícia, e sem uma palavra de gozação.
Nas sombras eu contemplo os dias que virão,
E lá vejo suas obras de granito e belas conquistas,
Sob o toque do Tempo e suas mãos inevitáveis,
Afundarem na areia como tesouros impagáveis.



www.editorapenalux.com.br
facebook/penaluxeditora
- de 50 mil curtidas
PenaLux
Envio de originais:
originais@editorapenalux.com.br

Caminhamos para o sexto ano de atividades com mais **600 títulos** no catálogo, reunindo autores de todas as regiões do país, com abrangência em diversos temas, estilos e gêneros.

Publicamos contos, crônicas, poesia, romance, acadêmicos, traduções de clássicos e também literatura estrangeira contemporânea.

On Broadway

Claude McKay

About me young and careless feet
Linger along the garish street;
 Above, a hundred shouting signs
Shed down their bright fantastic glow
 Upon the merry crowd and lines
Of moving carriages below.
Oh wonderful is Broadway – only
My heart, my heart is lonely.
Desire naked, linked with Passion,
Goes strutting by in brazen fashion;
 From playhouse, cabaret and inn
The rainbow lights of Broadway blaze
 All gay without, all glad within;
As in a dream I stand and gaze
At Broadway, shining Broadway – only
My heart, my heart is lonely.

Na Broadway

Trad. Felipe Melhado e Gabriel Daher

Passam por mim pés jovens e displicentes
Se arrastando ao longo da rua estridente;
 Acima, uma centena de placas berrantes
Derramam seu brilho intenso
 Sobre a alegre multidão de passantes
E filas de automóveis em movimento.
Ó maravilhosa é a Broadway – mas ao contrário
Meu coração, meu coração é solitário.
Desejo nu e apaixonado
Vai desfilando descarado;
 Por hotéis, cabarés e teatros
As luzes de arco-íris da Broadway brilham
 Todas alegres para fora, todas contentes para dentro;
Como num sonho, eu paro e vejo as maravilhas
Da Broadway, brilhante Broadway – mas ao contrário
Meu coração, meu coração é solitário.

The white city

Claude McKay

I will not toy with it nor bend an inch.
Deep in the secret chambers of my heart
I muse my life-long hate, and without flinch
I bear it nobly as I live my part.
My being would be a skeleton, a shell,
If this dark Passion that fills my every mood,
And makes my heaven in the white world's hell,
Did not forever feed me vital blood.
I see the mighty city through a mist –
The strident trains that speed the goaded mass,
The poles and spires and towers vapor-kissed,
The fortified port through which the great ships pass,
The tides, the wharves, the dens I contemplate,
Are sweet like wanton loves because I hate.

A cidade branca

Eu não vou brincar com isto e nem me curvar.
No fundo das câmaras secretas do meu coração
Idolatro meu ódio perpétuo, e sem hesitar
Suporto-o nobremente vivendo meu quinhão.
Meu ser seria um esqueleto, uma concha ao léu,
Se esta Paixão negra que me dá sentimentos brutais,
E no inferno do mundo dos brancos faz o meu céu,
Não me nutrisse para sempre com seus fluidos vitais.
Através de uma névoa vejo a cidade em seu clamor —
Os trens estridentes que aceleram a irritada massa,
Os postes e campanários e torres beijados pelo vapor,
O forte pelo qual os grandes navios passam,
As marés, os cais, os covis e antros em que vagueio,
São doces como amores devassos porque eu odeio.

ANUNCIE CONOSCO!

- ➡ 6 mil exemplares de tiragem;
- ➡ 1000 assinantes;
- ➡ Distribuição gratuita em mais de 150 cidades;
- ➡ Entrega em mais de 250 bibliotecas do Brasil;
- ➡ Nunca aceitamos dinheiro público;
- ➡ Nossos slogans são humildes;
- ➡ Temos ombudsman;
- ➡ Nosso humor é ruim!



RelevO

Envie-nos um correio eletrônico:
contato@jornalrelevo.com